

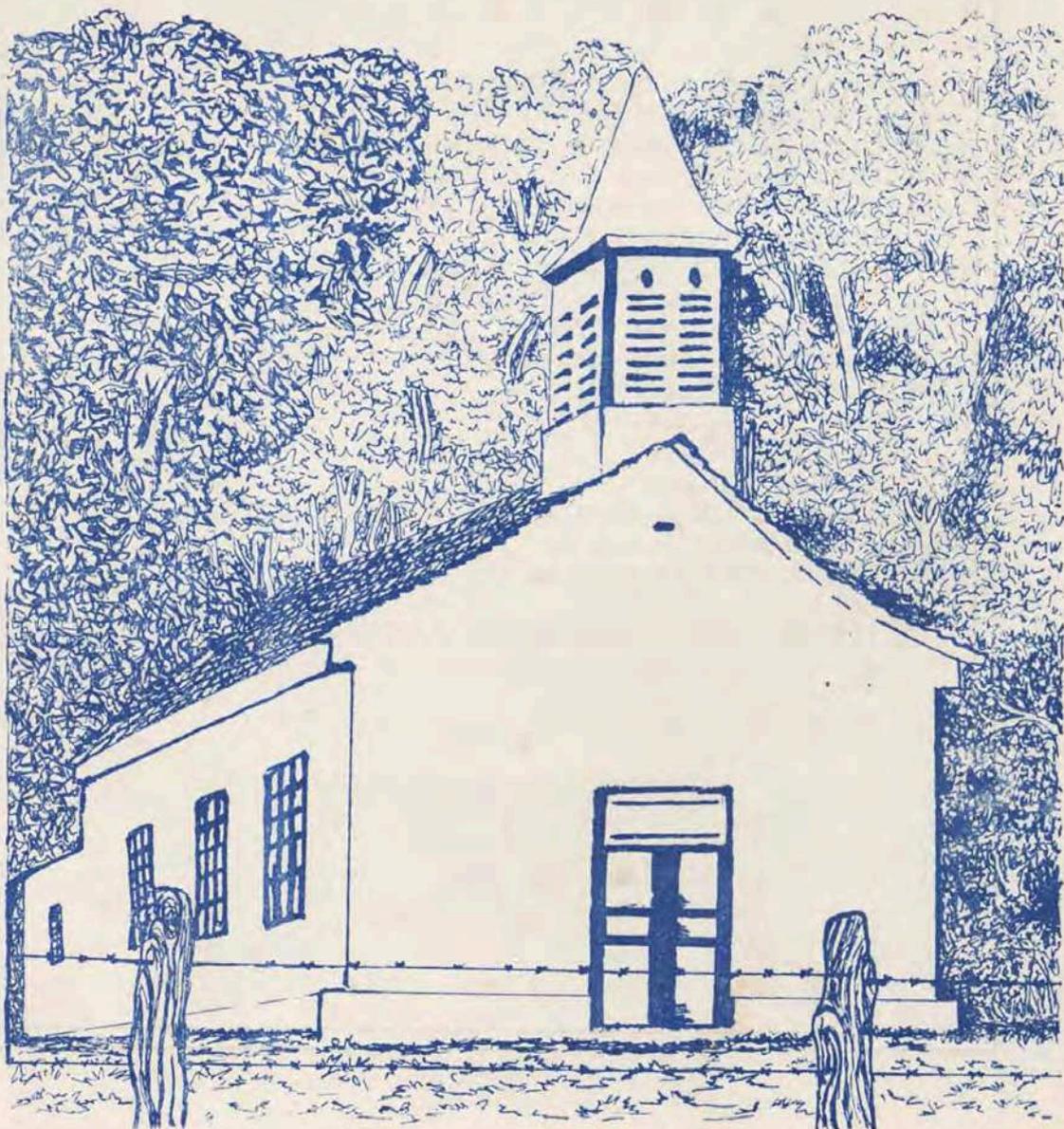
Blumenau em cadernos

TOMO XXXIII

Setembro de 1992

Nº. 9

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Sul Fabril S/A.
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.
Casa Meyer.
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.
Casa Buerger Ltda.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.
Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
Família Atilio Zonta

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIII

Setembro de 1992

Nº. 9

SUMÁRIO

Página

| | |
|---|-----|
| Figura do Passado — Dalton Daemon | 274 |
| Educação / Memórias — Richard Hoffmann | 282 |
| A Família Wehmuth — Nelson V. Pamplona .. | 284 |
| “Contistas “Alemães” Catarinenses | 293 |
| Um grito de alerta — Alfred Luiz Baumgarten | 296 |
| Autores Catarinenses — Enéas Athanázio | 297 |
| Um luso-brasileiro em Blumenau — Rui Moreira da Costa | 299 |
| Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff .. | 301 |
| Reminiscências de Acurra — Atílio Zonta | 302 |
| Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VII) — Pe. A.F. Bohn | 305 |
| Ao Redor do Dr. Blumenau (V) — Theobaldo Costa Jamundá | 307 |
| As casas têm história — Aíga B. M. Hering | 310 |
| Aconteceu... Agosto de 1992 | 315 |
| O republicano Manoel Correia de Freitas — Antônio R. Nascimento | 319 |

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO “CASA DR. BLUMENAU”

Diretor responsável José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 30.000,00

Número avulso Cr\$ 2.000,00 — Atrasado Cr\$ 3.000,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 50.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa: A primitiva capela Santa Isabel — Garcia - Jordão

Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da CLICHERIA BLUMENAU LTDA.

HILDA SCHNAIDER

Como homenagem à querida sogra Hilda Schnaider (Schneider)

«Para os netos de meus netos»

DALTON DAEMON (*)

Chegado o momento de casar-se, Peter Joseph Schneider, passou a visitar os vizinhos a procura de uma moça para unir-se e formar família. Era o ano de 1839..

O rapaz foi à casa dos Bohn e falou com o Sr. Heinrich, sobre suas intenções.

Cumprimentou, então, a Sra. Angela, sua esposa e, dirigiu-se, lentamente, com o Sr. Heinrich para o estábulo, onde estavam duas jovens.

Peter Joseph as conhecia, quando vieram mais jovens no "Marquez de Viana", junto com seus pais, chegando da Alemanha em Desterro (Florianópolis) em 12 de novembro de 1828.

Ele ficou impressionado com a beleza das moças. Eram louras, uma de olhos azuis e a outra de olhos verdes claros. Elas tiravam leite de duas vacas. Olharam para ele, de soslaio, sorriram e continuaram seu trabalho.

Uma, a de olhos azuis, estava nervosa, empurrava a vaca, tirava o leite com força.

— A outra, a de olhos verdes, era suave, falava baixinho com a vaca, tirava leite com carinho.

Ele olhou bastante, virou-se para o pai, Sr. Heinrich Bohn e, escolheu esta, a mais suave. Chamava-se Annemarie Bohn.

Ficaram noivos e casaram-se em 2 de outubro de 1841.

1. D. HILDA SCHNAIDER

Peter Joseph Schneider e Annemarie Bohn, eram, justamente avós da D. Hilda, bisavós de Esther (minha esposa) e tataravós de Milton e Denise (meus filhos).

Nos idos de 1950, quando conheci D. Hilda, conversamos muito sobre a história da sua família. Continuamos a fazê-

lo, repetidas vezes até 1960, quando ela faleceu.

D. Hilda era uma mulher forte e inteligente. Escrevia muito bem, era uma professora primorosa e, tinha vencido batalhas importantes na vida.

Passou-me muitos escritos de família, principalmente, o diário de sua tia Catharina (irmã de sua mãe Carolina Maria), iniciado em 1867.

Sua tia Catharina, que viveu 89 anos (faleceu em 1936), presenteou esse diário em 25 de agosto de 1882 à sua irmã Anna Maria (Dinda), que continuou a fazer anotações. A Dinda veio a falecer com 84 anos, em 1944, na casa de D. Hilda em Blumenau, com quem viveu desde 1934. D. Hilda prosseguiu escrevendo o diário até 1960, quando da sua morte. A partir daí, este diário, veio para meu poder.

Eu tinha prometido à D. Hilda, que escreveria algo sobre a família. Agora estou cumprindo a minha promessa.

O comentado diário, com outros documentos familiares que me chegaram às mãos, acrescido de várias outras fontes, entre quais vários números de "Blumenau em Cadernos", deram-me a possibilidade de reconstituir um pouco da história. Complementada, por fatos que passaram dos mais velhos aos mais moços, através de muitas conversas que pude manter, para cumprir o que prometi à D. Hilda.

D. Hilda Schnaider de Souza, nasceu

(*) Dalton Daemon, professor — Com base na pesquisa histórica, diários familiares, entrevistas com familiares mais idosos e contatos pessoais, tanto na República Federal da Alemanha, como em diversas cidades de Santa Catarina.

em S. José no dia 21 de Dezembro de 1900. Era filha de Carolina Maria Schnaider de Souza e João Augusto Xavier de Souza.

Muito estudiosa, conforme atestam seus escritos e poesias, tornou-se professora.

Em 16 de Abril de 1919, acompanhada de sua mãe Carolina, embarcou de S. José para Ascurra, onde foi ocupar o cargo de professora.

Em 11 de novembro de 1921 seguiu para Blumenau e foi designada como professora em Gaspar, onde residiam grande número de familiares seus, originários de São Pedro de Alcântara e de São José.

Em 14 de Novembro de 1922 casou-se com seu primo-rmão Octavio Oscar Schnaider, nascido em 14 de Dezembro de 1893, na Ilha Comprida, filho de João Pedro Schnaider (irmão de Carolina, mãe de D. Hilda) e de Maria Wagner, filha de Peter Wagner (bisavô da Esther).

Viveram em Gaspar até 9.4.1934, quando Octavio faleceu.

Ao ficar viúva, com 5 filhos, D. Hilda e D. Anna Maria (Dinda) voltaram para São José, onde viviam seus familiares próximos. No mesmo ano, em 19 de Junho de 1934, faleceu D. Carolina (mãe de D. Hilda) em Angelina, para onde deslocaram-se vários familiares no século passado.

Fazendo uma pequena pausa nesta introdução, relatamos que em 1991, fui até Angelina com minha esposa (Esther), onde encontramos vários familiares de D. Hilda, de quem tínhamos notícias, mas que nunca tinham sido contatados.

Em 22 de Agosto de 1934, D. Hilda e seus filhos, acompanhados da Dinda, fizeram uma viagem de caminhão de 9 horas, chegando a Blumenau às 16:00 horas.

Na cidade de Blumenau, D. Hilda estabeleceu-se, trabalhou durante longos anos, foi professora de várias gerações, criou seus filhos e, morreu.

Ainda hoje, podemos encontrar seus

ex-alunos, que falam dela com ternura e carinho.

Em 1 de Maio de 1935, D. Hilda começou a lecionar na Escola Alemã (Deutsche Schule), que depois tomou o nome de Colégio Pedro II.

No dia 5 de Outubro de 1942, D. Hilda despediu-se do Colégio Pedro II e foi para a Empresa Força e Luz, onde trabalhou até o seu falecimento em 18 de Julho de 1960.

Em todo o período em que viveu em Blumenau, residiu com sua família em vários lugares da cidade: rua São Paulo, rua São José, rua Paraná, Colégio Pedro II, rua Maranhão e, finalmente, em sua casa própria na rua São José 55, onde veio a falecer.

A história contada assim, de uma maneira cronológica e simples, não dá uma idéia nítida da grandeza de D. Hilda.

Ela estudou muito, escrevia primorosamente, fazia poesias e tinha uma grande força e alegria de viver. Seus escritos, talvez, tivessem ficado mais conhecidos, se não tivesse vivido em uma época, aonde a difusão fosse tão lenta.

D. Hilda ficou viúva com 5 filhos aos 33 anos de idade. Trabalhou com entusiasmo e persistência, alcançando posição em uma época difícil das mulheres conseguirem intelectualmente, sobressair.

Criou todos os filhos, encaminhando-os, pelo exemplo, para a vida.

Faleceu aos sessenta anos, deixando sua presença marcada, para ser cultuada por seus descendentes.

Por isso, e pelo respeito e carinho que tive por ela, deixo registrado neste documento, um pouco da história de sua família, que ela me passou, parte por escrito e, parte em suas adoráveis explicações familiares.

2. SCHNEIDEER ou SCHNAIDER

Verificando os documentos da época fica muito claro que o pai de Peter Joseph Schneider, chamava-se Caspar Schneider, com **ei**.

Todos os seus filhos, nascidos na Alemanha, entre eles Peter Joseph, tinham em seus registros a grafia de Schneider com e.

Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes tiveram muitas dificuldades com os registros, que no caso dos Schneider eram feitos nas paróquias, já que eles eram católicos. Os padres brasileiros em São José, em sua maioria, não conheciam o idioma alemão, escrevendo os nomes das pessoas da maneira que eram pronunciados. Daí, acontecendo, grandes modificações ortográficas.

Por estes motivos, conforme encontramos registrado, é que Peter Joseph Schneider, modificou o sobrenome de seus descendentes, que passaram a assinar Schnaider com a, obedecendo a pronúncia do alemão ei que é ai.

Apesar da modificação do nome original, em alemão, o sobrenome Schnaider, passou a identificar uma linha de descendência muito característica.

3. ORIGENS DA FAMÍLIA FORMADA PELO CASAMENTO DE HILDA CANDIDA SCHNAIDER DE SOUZA E OCTAVIO OSCAR SCHNAIDER.

No Anexo A a este artigo, procuramos fazer um esquema com todas as principais origens familiares.

Todas as senhoras estão com seus nomes de solteira, com a finalidade de permitir a identificação de seu sobrenome de família.

(1) Caspar Schneider, nasceu em 1785 em Trier, Alemanha. Veio para Santa Catarina pelo "Marquez de Viana", chegando a Desterro (Florianópolis) em 12 de Novembro de 1828. Estava acompanhado de sua esposa Katharina Schmidt, nascida em Kiel (Schleswig-Holstein). Trouxeram 7 filhos: Maria Magdalena, 17

anos; Peter Joseph (*), 12 anos; Johann Joseph, 10 anos; Antonius, 8 anos; Matheus, 6 anos; Johann, 4 anos e Anna Maria, 2 anos.

Em 15 de Abril de 1829, Caspar foi com a família para São Pedro de Alcântara, mas já estava viúvo.

Todos os filhos de Caspar Schneider nasceram em Trier.

(2) Heinrich Bohn, chegou a Desterro (Florianópolis) no bergantim "Marques de Vianna" em 12 de Novembro de 1828. Tinha na época 35 anos de idade.

Estava acompanhado de sua esposa Angela Brandt, de 33 anos e dos seguintes filhos: Christina, 11 anos; Katharina, 10 anos; Annemarie (**), 9 anos; Maria Kaharina, 7 anos; Matheus, 6 anos e Peter, 5 anos.

Heinrich Bohn e sua família eram alemães, originários da área de Karlsruhe.

(3) Georg Wagner, nascido em 1784 em Burbach, nos arredores de Saarbruecken, na Alemanha, veio para o Brasil no brigue "Luiza", que chegou em Desterro no dia 7 de Novembro de 1828 (com 276 imigrantes). Estava acompanhado de sua esposa Maria Katharina Kurz, nascida em Worms em 3 de outubro de 1794 e de 7 filhos:

Christian, Johann Peter (***), Johann Heinrich, Dorothea, Louis, Georg e Mathias.

Johann Peter Wagner foi um personagem dos mais importantes da história de Blumenau conforme iremos comentar, mais a frente.

Georg Wagner faleceu em Blumenau em Setembro de 1859, com 75 anos e sua esposa Maria Katharina faleceu na mesma cidade em 7 de Outubro de 1878, com 84 anos.

(4) Johann Haendchen e sua esposa Maria Margarethe Walldorf, chegaram a

(*) Pedro José: Peter Joseph Schneider que se casou com Annemarie Bohn.

(**) Annemarie Bohn (que casou-se com Peter Joseph Schneider).

(***) Johann Peter Wagner, filho de Georg Wagner, pai de Maria Wagner, avô de Octavio Schnaider (pai de Esther), bisavô de Esther e tataravô de Milton e Denise (meus filhos).

Desterro em 12 de Novembro de 1828 no bergantim "Marques de Vianna". Eram originários de Mainz. Posteriormente, foram para o Vale do Itajaí.

(5) Peter Joseph Schneider e Annemarie Bohn, são personagens centrais deste artigo, tendo sido motivo de sua introdução. Ele nasceu em Trier, ela em Karlsruhe.

Peter Joseph nasceu em 2 de Outubro de 1816 e Annemarie em 3 de maio de 1821.

Ele faleceu no dia 9 de Abril de 1888 e ela no dia 9 de Maio de 1900.

(6) Johann Peter Wagner, mais conhecido como Peter ou Pedro Wagner, foi uma personalidade marcante. Nasceu em Burbach em 24.5.1818, cerca de Saarbruecken, como seu pai Georg, citado em (3).

Em 1838 veio para o Vale do Itajaí, na Colônia Belchior, instalando-se no local chamado "Capim Volta".

Casou-se em 1839 em São Pedro de Alcantara com Agnes Haendchen, nascida na Renania (Mosele) em 21.12.1819.

Quando o Dr. Blumenau chegou ao Vale do Itajaí, já encontrou Peter Wagner, com suas propriedades em progresso.

Peter Wagner era protestante e Agnes, católica.

Ela faleceu em 19.5.1862. Ele casou-se novamente com Friederike Metzner.

Do primeiro casamento, teve 12 filhos, sendo a mais moça Maria Wagner, que casou-se com João Pedro Schnaider (ANEXO A). Do segundo casamento, teve mais 13 filhos.

Em razão dos seus 25 filhos, e, descendentes, criou laços familiares extensos, na atual sociedade de Blumenau. Uma pesquisa de informações mais detalhada, fará encontrar, certamente, ligações de descendência que hoje são imperceptíveis, em várias famílias da área.

Peter Wagner faleceu em 23.11.1901, como patriarca e propulsor do progresso em Blumenau.

(7) Pedro Augusto Xavier de Souza

e Ana Augusta Silveira, eram portugueses, descendente de açorianos chegados a Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis) em meados do século anterior.

Seu filho mais velho, João Augusto Xavier de Souza, casou-se em 2.10.1873 com Carolina Maria Schnaider, filha de Peter Joseph Schneider e Annemarie Bohn. Ela nasceu em 1º de julho de 1856 em S. José e faleceu em Angelina em 19.6.1934. Ele tinha falecido em 23.4.1909.

(8) João Pedro Schnaider nasceu em S. José em 1850. Em visita a parentes no Vale do Itajaí, conheceu Maria Wagner (filha de Peter Wagner) e com ela se casou em Gaspar em 26.6.1875.

Ele faleceu em 1890 e ela em 1923.

(9) Carolina Maria Schnaider e João Pedro Schnaider eram filhos de Peter Joseph Schneider. Sendo, portanto, D. Hilda Schnaider e seu esposo Octavio Schnaider, primos irmãos.

4. CENÁRIO POLITICO-HISTÓRICO DA ÁREA DE ORIGEM DOS IMIGRANTES ALEMÃES, ASCENDENTES DE D. HILDA SCHNAIDER.

A maioria dos ascendentes alemães mais próximos de D. Hilda Schnaider e de seu esposo Octavio Schnaider, conforme tivemos oportunidade de expor, eram originários de Trier, Worms, Mainz, Karlsruhe e Saabuscken, cidades pertencentes a Rheinland-Pfalz, ou áreas próximas.

Através de alguns registros históricos e fatos que passaram de gerações a gerações, temos a certeza que Caspar Schneider, nascido em Trier, era casado com Katharina Schmidt, originária de Kiel, em Schleswig-Holstein.

Seu avô Rudolf Schneider (1714/1778) era de Land de Brandenburg, de perto de Berlim. Foi sargento da guarda de granadeiros de Friedrich Wilhem I, famosa por sua altura. Em 1740 esta guarda foi dissolvida por Friedrich Wilhelm II. Rudolph

seguiu então para Schleswig-Holstein (*) onde casou e viveu com Karin Schneider, nascida em Lübeck.

O pai de Caspar era o terceiro filho de Rudolf. Chamava-se Reinhard Schneider (1750/1805), nasceu em Lübeck, casou-se com Ursula Schneider, nascida em Kiel, e foi viver em Trier, onde nasceu Caspar, seu segundo filho.

Foi na área de Rheinland-Pfalz, que vieram a grande maioria dos imigrantes alemães, que em Novembro de 1828 chegaram a Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis).

OS ROMANOS NO RENO

O Imperador Julio César no século I antes de Cristo, determinou o Reno como fronteira dos povos celtas e germânicos.

No século I depois de Cristo, ainda sob o Império Romano as terras a oeste do Reno, em suas proximidades, foram divididas em duas províncias: Germânia Superior (dos Alpes até as cercanias de Antunnacum ou Andernach, com Argentoratum (Strasbourg), Mogontiacum (Mainz) e Confluentes (Koblenz); Germânia Inferior; de Banna (Bonn) e Colonia/Agrippina (Koln) até o estuário.

Inclui-se, também, o alto e médio Mosele, com Augusta Treverorum (Trier).

O oeste do Reno sempre foi uma região de agrado para os romanos. Na confluência romântica do Reno e Mosele, em Confluentes (Koblenz) os romanos criaram com grande conforto, uma base militar.

Mainz transformou-se em capital da Província Germânia Superior. Aí os romanos estiveram por três séculos. Worms foi outra cidade que tomou desenvolvimento.

Na Província Belgica Prima, os romanos criaram Treveris (Trier) como capital.

Em Trier os romanos construíram banheários e plantaram vinhas, que foram as origens dos famosos vinhos Mosele da atualidade.

Na cidade de Trier, das mais antigas da Alemanha, os romanos possuíam termas com muito conforto, com 250m. de comprimento e 145m. de largura, com piscina, salões de massagens, saunas, parques de ginástica.

O anfiteatro, onde os gladiadores lutavam com leões, leopardos e ursos, comportava mais de 20.000 assistentes.

Hoje, ainda, podemos ver as termas e, a maciça e enegrecida pelo tempo "Porta Nigra", um portal das antigas muralhas romanas, com 36m de largura.

Trier é chamada a "Segunda Roma".

Em Trier, também, nasceu em 5 de maio de 1818, Karl Marx, na Simonstrasse 8, hoje transformada em museu.

Em Worms, Gunther o rei dos Burgúndios sonhou com um grande império. Aqui nasceu a canção dos Nibelungos, estória da rainha merovingia Brunehild e seu marido assassinado Siegfried. Em Worms, Carlos Magno celebrou suas núpcias e Martinho Lutero defendeu-se ante o imperador.

Em Mainz, cidade internacional por seu carnaval, está o Museu Gutenberg, onde tem uma bíblia de 1280 páginas do ano de 1442, a primeira obra impressa de Johannes Gutenberg.

DEPOIS DOS ROMANOS

Depois dos romanos vieram os normandos e unos.

Na fase seguinte, reis e príncipes declararam seu palatinado (Pfalz em ale-

(*) Schleswig-Holstein — Até século XII Ducado dependente da Dinamarca. No começo do século XIII os germanos conquistaram o Holstein. O Tratado de Frederiksborg de 1720 retornou à Dinamarca a ocupação do Schleswig. O tratado de Tsarkoye, Dinamarquesa a Holstein. A Confederação Germânica de 1815 modificou a situação. Depois da 2ª. Guerra Mundial o Schleswig-Holstein foi organizado como uma Land separada dando garantias à minoria dinamarquesa.

mão), edificaram castelos às margens do rio Reno e nas colinas.

Frederico Barbaroxa I construiu castelos e estabeleceu sua corte em Koblenz.

Nos séculos seguintes vieram os duques (durante 10 séculos), que depois dividiram-se.

Explorando as confusões da Reforma na Alemanha, a França introduziu-se na Lorraine no 16º. século.

Brandenburg adquiriu Kleve e Mark em 1614 formando o núcleo do futuro poder da Prússia no Reno e, a Guerra dos 30 Anos e a paz de Westphalia deu à França um pé na Alsácia.

AMBIENTE EM ANOS PRÓXIMOS A MIGRAÇÃO PARA O BRASIL

Frederico II, o Grande (Friedrich, em alemão), terceiro rei da Prússia de 1740 a 1786, usava também o nome de Frédéric, por seu apreço a cousas francesas.

Ele nasceu em 24 de janeiro de 1712, quando o império da Prússia tinha somente 11 anos. Era o terceiro filho de Friederich Wilhem I e Sophie Dorothea de Hanover, filha de George I e irmã de George II da Inglaterra. Casou em 1733 com Elisabeth Christine, filha do Duque de Brunswick-Bevern.

Friedrich Wilhem I morreu em 31 de maio de 1740, quando seu filho subiu ao trono.

Os primeiros atos de Friederich Wilhem II como soberano foram a abolição da tortura como meio de inquérito judicial, abolição da censura a imprensa, abolição da discriminação religiosa e dissolução da famosa guarda de granadeiros gigantes (mediam sempre mais de **seis pés**) criada por seu pai, devido aos seus altos custos e valor militar duvidoso.

Friedrich Wilhem II faleceu em 17 de agosto de 1786, marcando um período de grande êxito alemão.

Um pouco antes, as guerras de Luiz XIV consolidaram a posição da França na Alsácia (Reno), mas só em 1766 o Duca-

do de Lorraine foi, definitivamente, incorporado a França.

A revolução francesa e as guerras napoleônicas transformaram a situação.

A margem esquerda do Reno, da fronteira da República Batavia até a Helvética foi cedida à França pelo Tratado de Lunéville em 1801 e, a radical reorganização da margem direita foi feita pelo Reichsdeputationshauptschluss de 1803.

Houve um período de hegemonia da França na Alemanha.

Os franceses invadem Berlim em 27 de outubro de 1806.

Na sujeição da Prússia, pior que a derrota militar, foi o colapso do Estado, com o aparecimento de problemas religiosos, agitações políticas e divergências entre liberais e moderados e entre democratas e radicais. A agricultura e a indústria sofrem grandes transformações na Europa e, na Alemanha, influenciando as imigrações que vão se seguir.

Em 1810 a fronteira francesa foi estendida do Reno até Lübeck no mar Báltico.

Depois da queda de Napoleão, no Congresso de Viena (1814/1815) foi limitada de novo a fronteira francesa.

Em 1824, o território da Prússia foi unido com as possessões adjacentes da Prússia na margem direita do Reno, para formar a Província do Reno (Rheinprovinz), complementando o que acontecera em 1816, quando a Bavaria, após a queda de Napoleão, obteve grande parte do velho território do Palatinado, na margem esquerda do Reno.

Este era o quadro em 1828, quando os imigrantes deixaram a Alemanha, para localizar-se em Santa Catarina, no Brasil.

Havia muitos aborrecimentos acumulados, faltavam expectativas, que iriam provocar em 1832, que aproximadamente 30.000 palatinados tomassem uma posição revolucionária contra o regime bávaro em Hambach.

QUADRO ATUAL

Viajando nesta área da Alemanha, como tive a feliz oportunidade, por aspectos profissionais, de fazer várias vezes, é que podemos estabelecer correlações com o Vale do Itajaí. As populações trabalhadoras às margens dos rios, a capacidade produtiva industrial, a beleza das construções, as flores, os meandros dos rios.

O povo do Palatinado é uma mistura de celtas, nemeus, burgúndios, romanos, unos, alemães, eslavos, franceses e holandeses.

Os vales estão cobertos de vinhas. Sobrevivem as castanhas comestíveis, a noz e os álamos. Os gerânios estão por toda parte.

De lá vieram os Sshneider (Schnaider), os Bohn, os Wagner, os Brandt, os Haendchen, os Kurz, os Walldorfs e os Schmidt que formaram as raízes, que através de D. Hilda, multiplicaram-se.

5. RHEINLAND-PFALZ / BREMEN / RIO DE JANEIRO / DESTERRO / VALE DO ITAJAÍ

O título acima corresponde ao caminho seguido pelos imigrantes das famílias-bases focalizadas, que junto com outros alemães, construíram a história que estamos apresentando.

Na realidade, uma verdadeira epopéia, que não podemos traduzir em tão poucas linhas. Uma demonstração de coragem, de esperança, de sofrimentos, de grande valor humano. Que mereceria a produção de histórias e de filmes, se estivéssemos em um país mais rico.

Pensem os que lerem esta passagem histórica que estamos descrevendo, o que estaria passando nas cabeças dos colonos, ascendentes de D. Hilda / Octavio Schnaider, quando estavam se afastando de suas cidades e de seus parentes. **Para sempre.**

(*) Ainda em 1990, com minha esposa, seguimos os caminhos dos imigrantes, com facilidades atuais. E, as terras continuam difíceis.

Saindo de Trier, de Saarbruecken, de Worms, de Karlsruhe, de Mainz, em direção ao norte, iam ao desconhecido, para construir nova vida. Que afinal, conseguiram, quando hoje vemos Santa Catarina.

Chegaram em Bremen, onde com as licenças de imigração proporcionadas pela Prússia, embarcaram no navio alemão "Johanna Jakobs" com destino ao Brasil. Eram 523 pessoas.

Aportaram no Rio de Janeiro e daí foram para Desterro no brigue "Luiza" que chegou em 7 de novembro de 1828 e, no bergantim "Marques de Vianna" que chegou em 12 de novembro do mesmo ano.

Ficaram, inicialmente, em Lagoinha, no Desterro, por 5 meses. Passando muitas dificuldades, vários faleceram.

Seguiram, depois, a maioria para São Pedro de Alcântara, cheios de esperança.

Não encontraram o que lhes foi prometido. As terras muito onduladas, não eram aptas, nem para a agricultura, nem para a pecuária.

Parece, que o governo brasileiro desejava, não era a colonização. Sim a abertura do caminho para Lages.

Recebiam 160 réis por cabeça e por dia, como auxílio do governo. Mas, isto, com irregularidade e grande demora.

Ficaram aborrecidos, muitos deles, com as terras difíceis e improdutivas (*).

Começaram os colonos a procurar novas terras, mais planas, mais produtivas.

Por isso, quando o Dr. Blumenau chegou ao Vale do Itajaí, aí já encontrou Peter Wagner, que tinha vindo em 1838. Nas proximidades de Gaspar, também tinham chegado vários Schneider (Schnaider).

Na parte do Vale do Itajaí, entre as atuais cidades de Blumenau e Gaspar, marcou-se a presença forte de muitos

Imigrantes, entre eles, vários ascendentes de D. Hilda.

6. DESCENDÊNCIA DE D. HILDA / OCTAVIO SCHNAIDER

Neste último item vou apresentar a linha de descendência de D. Hilda, dos filhos e netos. Dos bisnetos, vou apenas notificar os meus netos. Deixando aos outros descendentes o interesse em prosseguir a história, pesquisando e escrevendo o que achar que deverá ser escrito e registrado.

Conforme está sinteticamente apresentado no Anexo A, D. Hilda Schnaider e Octavio Schnaider, tiveram 5 filhos:

(1) MARIA SULAMITA SCHNAIDER

Professora emérita, com especialização em educação pelo rádio e televisão. Fundadora da FEPLAM, em Porto Alegre, que exerce um papel importante na comunidade.

Tem vivido grande parte de sua vida no Rio Grande do Sul.

Casou-se com Edmundo Giffoni e, tem dois filhos:

- Maria Regina Giffoni
- Luiz Edmundo Giffoni

(2) YVONNE SCHNAIDER (falecida)

Foi uma grande esportista blumenauense. Em Blumenau viveu sua vida. Tinha muitos pendores artísticos, incluindo a pintura de ovos (à moda ucraniana) e a poesia.

(3) AFONSO CELSO SCHNAIDER (falecido)

Viveu grande parte de sua vida no Rio Grande do Sul, sendo vários anos em Guaporé. Tinha muita habilidade para o desenho técnico. Projetou várias igrejas.

Casou-se com Maria Terezinha Giordano. Tiveram três filhos:

- Rowena Schnaider
- Luís Afonso Schnaider
- Afonso Celso Schnaider

(4) GILBERTO CLAUDIO SCHNAIDER (falecido)

Gilberto (Bebeto) foi um artista excepcional, com um senso de proporção fora do comum. Afora, de sua grande capacidade humorística. Deixou pinturas de capelas de Blumenau e outros trabalhos artísticos.

Casou-se com Hilca Piazzera. Tiveram seis filhos:

- Luiz Alberto Piazzera Schnaider
- Sérgio Roberto Piazzera Schnaider
- Gilberto Claudio Piazzera Schnaider
- Rosana Maria Piazzera Schnaider
- Celia Maria Piazzera Schnaider
- Hilda Maria Piazzera Schnaider

(5) ESTHER CLAUDIA SCHNAIDER

Professora, formada em Belas Artes. Desenvolveu a aplicação de seus pendores artísticos, em Paisagismo e Ecologia, formando-se em Freising e Weihenstephan (Alemanha) e Versailles (França).

Casou-se com Dalton Ferreira Daeimon. Tiveram dois filhos:

- Milton Schnaider Daemon
- Denise Schnaider Daemon

Milton casou-se com Beatriz Bered Figueiredo e tem dois filhos: Paula de Figueiredo Daemon e Felipe Figueiredo Daemon.

Denise casou-se com Paulo Renato Diniz Junqueira Barbosa e tem dois filhos: Marcos Daemon Barbosa e Bruno Daemon Barbosa.

Sugiro aos outros descendentes que prossigam escrevendo a sua linha de descendência.

7. RECONHECIMENTO

D. Hilda Schnaider faleceu em 18 de julho de 1960.

Menos de três meses depois, no Diário Oficial de 30 de setembro de 1960, o Estado de Santa Catarina, por dois decretos assinados pelo Governador do Estado, foram reconhecidos os méritos de D. Hilda, pelo trabalho de professora exercido desde sua juventude.

DECRETO Nº. 1152

O Governador do Estado de Santa Catarina no uso de suas atribuições, decreta:

Art. 1º. — Ficam denominados "Professora Hilda de Souza Schnaider" as Escolas Padre Ernesto Seidl, a Escola Isolada de Fazenda do Rio das Garças, distrito e município de Imaruí.

Art. 2º. — Revogam-se as disposições em contrário.

26 de setembro de 1960.

Heriberto Hülse
Governador

cisco do Sul, convertidas pelo decreto nº. 140 de 16 de maio de 1956.

Art. 2º. — Revogam-se as disposições em contrário.

26 de setembro de 1960.

Heriberto Hülse
Governador

Para encerrar nossa homenagem à D. Hilda, transcrevemos uma estrofe de poesia encontrada, em seu Caderno de Poesias, escrito em S. José (Santa Catarina), em 21 de abril de 1917, quando ela tinha apenas 16 anos.

Muito breve vou embora.
Deixo o lugar onde vivi.
Deixo a sombra das saudades,
Deixo as mágoas que sofri.

DECRETO Nº. 1154

Art. 1º. — Ficam denominadas "Professora Hilda de Souza Schnaider" as Escolas Reunidas de Taboleiro de Acaraí, distrito de Garuva, município de São Fran-

EDUCAÇÃO / MEMÓRIAS

O Sistema Escolar no Sul de Santa Catarina

pele professor Richard Hoffmann

Não é minha pretensão de, com o presente artigo, apresentar uma crítica a respeito das condições das escolas daquela região, isto porque minha permanência de nove meses no ano passado foi muito curta para uma observação mais aprofundada. Mas tentarei traçar um rápido esboço das minhas impressões.

Os senhores, por sua parte, também poderão dar seus depoimentos ou corrigir minhas impressões. Em Blumenau conseguirão obter um quadro claro sobre a verdadeira situação do sistema escolar nas colônias do sul, e com vontade certamente irão corrigir alguns dos males.

Numa comparação das escolas do sul do Estado com o quadro de Blumenau, pode-se, a meu ver, falar-se de modo resumido, no que se refere à organização, força da comunidade e especialmente à qualificação do professorado.

Com exceção das escolas de localidades como: Desterro, Palhoça, Santo Amaro, Santa Isabel, Orleans etc., coloco-me no nível de qualidade, eficiência e sucesso como as de Blumenau, que conheci primeiro. As escolas especificamente alemãs daquela região, são com-

postas quase que exclusivamente de comunidades com seis a doze associações, quando muito quinze e quase sempre pertencentes à classe mais pobre. Uma comunidade como esta, não pode manter somente bons professores, e assim ao lado de bons professores que estão ali representados, há também elementos desleixados e despreparados.

O fato é que, a Escola sempre reflete o caráter do professor que nela trabalha. Também se encontra muitas vezes, em alguma região, uma juventude malcriada. Se o ensino na escola é praticamente nulo e as crianças mal aprendem a escrever seu nome, a deterioração dos costumes é maior. Muitas vezes encontra-se jovens que mal saíram da idade escolar e logo aprendem a beber aguardente. Sempre me admirei ao ver, nos domingos de manhã na Colônia, grupos de jovens em número de seis ou oito, a fazerem primeiro uma visita à venda para beber cachaça e depois de braços dados e passos trôpegos em algazarra irem à igreja. Depois da missa, muitas vezes continuam esta visita à venda, que se estende até à noite. Reconheci este mal costume como conseqüência da péssima escola. Muitas vezes ocorre que os colonos preferem ensinar precariamente seus filhos em casa, ou enviá-los para qualquer Colégio católico (às vezes 4 horas a cavalo em troca de fornecimento de verduras) do que esforçar-se para encontrar um substituto para o péssimo professor. Eles sabem muito bem que não conseguirão um bom professor, por um ordenado de miséria que podem pagar. Mas se uma comunidade consegue um bom professor, podem ter a certeza que tudo farão tudo para conservá-lo, e auxiliá-lo como podem.

A falta de alimento, o colono do sul não conhece, por isto ele divide o que tem de sobra com o professor e ao mesmo tempo, está disposto a auxiliar no preparo da terra da escola. Para o colono, o dinheiro vivo é raro, por isto não faz grandes gastos. Aqui tem um ponto que o "Deutsche Schulverein" deveria intervêr. Esta Sociedade deveria tomar a si a incumbência de ocupar estes lugares com pessoas que se adaptem bem à vida da colônia e com pouco dinheiro possam se satisfazer, cuidando da terra escolar, plantando para seu sustento e ainda vendendo o que lhes sobrar. Preciso confessar, que eu mesmo brinquei com esta idéia, e me senti muito bem. Se em julho do ano passado, a comunidade escolar Itoupava nº. 1 não me tivesse chamado de volta ao antigo posto e novos interesses não tivessem me chamado a Blumenau, ainda hoje estaria no belo vale do Rio Fortuna (um afluente do Tubarão) onde nos 145 morgen de terra da escola plantaria milho e criaria porcos como o fazem seus moradores.

Hoje me lembro com saudades das boas lingüiças e presuntos que se consegue em Blumenau, por preço bem barato, e que estão sempre presentes no rancho do colono.

FONTE: "Mitteilungen des Deutschen Schulverein für Santa Catarina Südbrasilien"

DATA: Blumenau, março de 1906 (nº. 3 — 1º. ano)

A FAMÍLIA WEHMUTH

por Nelson V. Pamplona

I — O PATRIARCA

A história da família WEHMUTH em Blumenau se inicia em 23 de julho de 1857 com a chegada do patriarca Louis Wehmuth, na época com 44 anos de idade, e outros tantos de "esperança por um futuro melhor" motivo por ele alegado para deixar sua Prússia natal, no Requerimento de Decisão de Desligamento (7) apresentado em Querfurt — Saxônia.

Além da sua indomita vontade de vencer, vieram com ele a mulher com 40 anos e seis filhos cujas idades variavam entre 16 anos e 53 dias.

A) O MENINO LOUIS QUE SE CHAMAVA PHILIPP

Na verdade o patriarca na pia batismal, que foi católica, recebeu o nome de Phillip Wilhelm Ludwig Christoph e ao longo da vida, em diferentes ocasiões, usou variantes deste mesmo nome, como consta dos documentos a serem mencionados durante esta exposição. O nome Louis só veio a ser usado na idade madura.

Dos registros de batismo da época conclui-se serem normais nomes complexos e longos talvez por imitação a nobreza.

O menino Louis nasceu em 1812 ou 1813. Lamentavelmente não me foi ainda possível descobrir a data e o local de nascimento em nenhuma das três fontes prováveis, apesar das contínuas pesquisas realizadas nos últimos anos.

Foram infrutíferas as muitas dezenas de pesquisas feitas nos registros de Igrejas e Bispados católicos bem como as inscrições do Regente Florestal como Funcionário Civil.

Como terceira alternativa, restavam os assentamentos do Sub-Oficial Caçador nos arquivos do exército (Heeresarchiv em Potsdam) os quais foram destruídos por um ataque aéreo em fevereiro de 1945.

B) O JOVEM SUB-OFICIAL CAÇADOR EM POTSDAM

Potsdam está localizada junto e a leste de Berlin, as margens do rio Havel e seus canais.

Por volta de 1806 a cidade havia sido seriamente perturbada e sacrificada pela invasão das tropas da Grande Armada de Napoleão, as quais, em sua passagem para a frente de batalha da Rússia, se reabasteciam em Potsdam não só de viveres, armamentos, munições e cavalos, mas também de humilhados soldados prussianos:

A cidade era o próprio orgulho prussiano: Residência dos Reis da Dinastia dos Hohenzollern, sede de Guarnição, sede Administrativa e berço da industrialização.

O militarismo era a força propulsora que tudo condicionava: a incipiente indústria se dedicava a fabricação de armamentos e unifor-

mes militares, a cidade era replanejada para atender ao crescente número de quartéis, palácios, museus e igrejas.

Em 1831, dos 24.000 habitantes mais da terça parte era composta de militares.

A cidade existia em função dos interesses da Nobreza e dos Militares: a "Residenz" e a "Garnison" respectivamente pairavam acima de quaisquer outros valores. Até mesmo a Palavra de Deus parecia ter conotações especiais: a Nobreza e os Militares tinham a sua própria igreja independente, a Igreja Luterana da Guarnição, que estava localizada na rua Breitenstrasse, hoje rua Wilhelm Kütz Strasse.

Não sem razão, Potsdam era comparada a antiga Esparta.

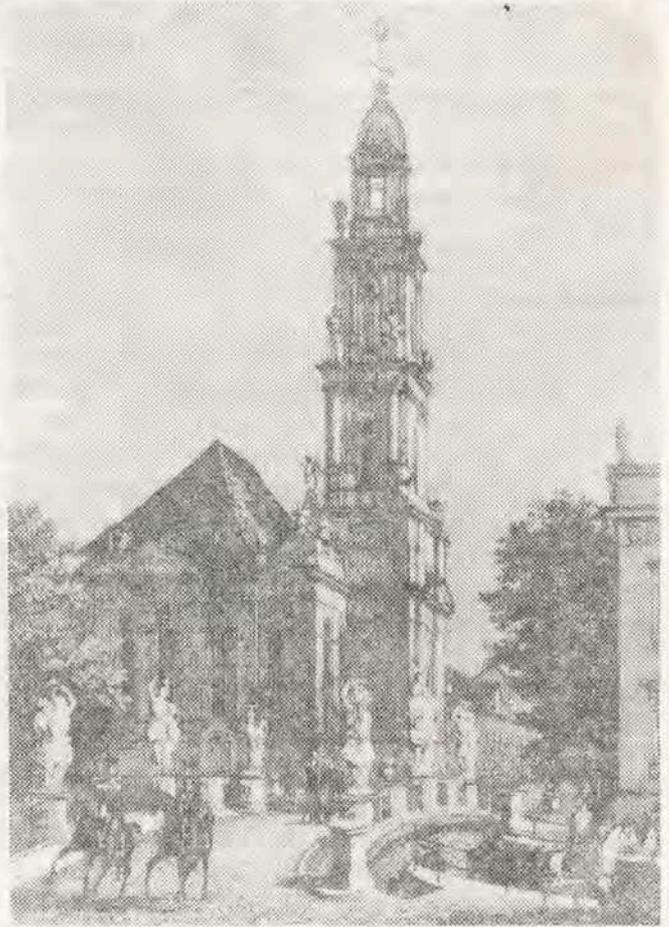
Dentro desta atmosfera viveu o então jovem patriarca como Sub Oficial Caçador (Oberjäger) servindo no Batalhão de Guardas Caçadores. (1).

Os Caçadores eram recrutados entre o pessoal que administrava as florestas e aos quais, ao fim do serviço militar, se dava o direito de trabalharem para o serviço florestal do estado (9), o que provavelmente explica a função exercida pelo nosso patriarca antes de emigrar para o Brasil.

Não posso avaliar até que ponto o espírito de caserna influenciou a vida íntima do Patriarca a ponto de casar-se com JOHANNE CHARLOTTE HENRIETTE BENSCH,

nascida em Potsdam em 21.02.1817 e batizada na Igreja da Guarnição, luterana, em 02.03.1817 e filha do Granadeiro Johann George Bensch, que servia no Primeiro Regimento de Guardas Infantes (1. Garde Regiment zu Fuss) e de sua mulher Marie Juliane Kerkowsky.

No registro de batismo do filho mais velho, (1) também batizado na Igreja da Guarnição, consta uma observação bastante incisiva (Kath. kopul. sic) de que os pais eram casados segundo o ritual católico.



A Igreja da Guarnição

Em Potsdam nasceram os três filhos mais velhos do casal, a saber:

1 — WILHELM EDUARD HERMANN EMIL

nasceu em 04.02.1840 e foi batizado na Igreja da Guarnição, luterana, em 05.03.1840. O pai declarou chamar-se Ludwig Wehmuth. (1).

2 — JULIANNE FREDERIKE LEOPOLDINE

conhecida por Leopoldine

nasceu em 04.07.1841 e foi batizada na mesma Igreja em 05.08.1841. O pai consta como Wilhelm Ludwig Wehmuth. (2).

3 — OTTO JULIUS CHRISTOPH LOUIS

Conhecido por Louis

nasceu em 12.07.1845 tendo sido batizado na mesma igreja em 7 de agosto de 1845.

O relacionamento da família Wehmuth em Potsdam fica bem caracterizado pelas testemunhas masculinas de batismo, as quais invariavelmente eram colegas de caserna; Sub-Oficial Caçador Fickert, Sub-Oficial Caçador Hentze, Sub-Oficial Caçador Fliess.

A onda revolucionária que se alastrava pela Europa, atingiu a Prússia em 1848 com a chamada Revolução Democrática Burguesa cujas motivações iniciais foram substancialmente alteradas ao longo do seu curso. A alternância das idéias preponderantes deram origem a um período de perseguições políticas as quais eventualmente podem explicar os motivos pelos quais nosso patriarca abandonou a cidade de Potsdam bem como seu posto militar, do qual certamente muito se orgulhavam ele e toda a família, indo fixar-se em Klein Wangen.

Aliás o Requerimento de Decisão de Desligamento (7), que faz parte do processo de emigração, cita uma transgressão cometida pelo Caçador, sem dizer qual.

C) O REGENTE FLORESTAL EM KLEIN WANGEN

O vilarejo de Klein Wangen fica a aproximadamente 150 km. de Potsdam e a sudoeste da mesma.

Sabendo-se que no recenseamento de 1930 a vila possuía 315 habitantes pode-se inferir o tamanho da mesma em meados do século passado.

Klein Wangen e Gross Wangen, hoje Wangen, ficavam em margens opostas do profundo vale do rio Unstrut, uma região muito montanhosa da Turingia e integrante da então Província da Saxônia (Sachsen).

Na época os habitantes da região eram agricultores ou trabalhavam nas pedreiras, as quais lhes forneciam o sustento através das pedras de construção, de ótima qualidade (bundsandstein), retiradas das mesmas ou ainda labutavam em uma mina do potássio.

Nesta localidade o patriarca Wehmuth foi funcionário governamental como Regente Florestal, função que pode ter lhe sido atribuída por ter servido no Batalhão de Guardas Caçadores.

Em Klein Wangen o casal teve os seguintes filhos:

4 — OTTO LUDWIG WILHELM
conhecido como Otto, meu bisavo.

Nasceu as três horas da tarde de 07.11.1849, uma 4^a. feira, foi batizado na Igreja Luterana de Klein Wangen em 23.12.1849. Neste registro pela primeira vez o pai diz chamar-se Louis Wehmuth (3).

A saída de Potsdam e a mudança de nome não me parecem ser uma mera coincidência.

5 — FRIEDRICH MAX EMIL FERDINAND
conhecido como Emil

Nasceu as 11 horas do dia 10.02.1851, uma 2^a. feira, tendo sido batizado na mesma igreja em 23.03.1851 quando o pai usa o nome completo com que foi batizado. (4).

6 — EMILIE AUGUSTE LOUISE MARIE

Nasceu as 8 horas da noite, uma 6^a. feira, do dia 16.04.1852 tendo sido batizada em 30.05.1852 e como pai consta Philipp Ludwig Christoph Wehmuth. (5).

Esta menina na época em que os pais deixaram a Europa, então com apenas cinco anos de idade, ficou na Alemanha aos cuidados de não se sabe quem, como se verá nos documentos adiante transcritos.

Mas que terríveis forças moviam esta família, e mais especificamente esta pobre mãe, a ponto de abandonar a pequena Marie?

7 — THERESE LOUISE ANNA PAULINE

conhecida como Therese

nasceu as 11:30 da noite, uma 3^a. feira, dia 01.08.1854 e foi batizada em 10.09.1854, também na Igreja da Guarnição, onde o nome do pai aparece de maneira completa. (6).

D — EM BUSCA DE UM FUTURO MELHOR

A época, sabe-se, era bastante difícil para os habitantes não só da Thuringia mas para toda a Europa de então, em face da crise que se estabelecera desde 1800. Os agricultores passavam por privações.

Mas seriam estes os motivos pelos quais a família Wehmuth trocou a pátria pelo desconhecido? Afinal nosso Patriarca era funcionário da Coroa Prussiana,

Assim mesmo, no dia 17.03.1857, portanto 50 dias antes de embarcar para o Brasil, nosso Regente Florestal apresenta a repartição do Ministério do Interior sediada em Querfurt (30 km ao norte de Klein Wangen) seu Requerimento de Decisão de Desligamento (7) que faz parte do processo de emigração abaixo:

1854
1855

1855

112

Notiz auf Fortführung eines Familien-
Wahrents.

Leinig Wobsmuth, 44 Jahr alt, Leiniger, in
Kleinwangen.

Leinig Wobsmuth's Familien-Liste
5 Kinder, alle:

- a, Logalbin gebt den 7. Juli 1841.
- b, Louis " " 12 " 1845.
- c, Otto " " 7. Okt. 1849.
- d, Emil " " 10. Febr. 1851.
- e, Franz " " 1. August 1854.

Die das Jahr 1854, am 16. April 1854 geborene Tochter
des Ehepaars, Maria Wobsmuth, ist am 3. des
Leiniger und W. das wichtige Einkommen zu kaufen, und
sich für die Leiniger (Kauf) bei den Leiniger
gekauft.

Leinig hat die Leiniger die geordnete Einkommen zu kaufen
den Einkommen auf die Einkommen in Leiniger zu kaufen,
ist jetzt in Folge Einkommen und Einkommen zu kaufen
und Einkommen zu kaufen.

Leinig.

Leinig auf die Einkommen zu kaufen.

1855

und man abige Einkommen zu kaufen.

Ô mesmo traduzido com pequena grande liberdade, diz:
Louis Wehmuth, 44 anos de idade, Regentã Florestal em Klein-
wangen sua mulher Henriette nascida Bensch e 5 crianças, como:

- a, Leopoldine nascida aos 4 de julho de 1841;
- b, Louis nascido aos 12 de julho de 1845;
- c, Otto nascido aos 7 de novembro de 1849;
- d, Emil nascido aos 10 de fevereiro de 1851;
- e, Therese nascida em 1 de agosto de 1854;

Para a criança nascida em 16 de abril de 1852 e agora denomi-
nada Marie Wehmuth, de acordo com os 3 anexos, foi encontrada a
necessária assistência e outros dependentes não ficam para traz. "Ex-
trahent" adquiriu legalmente direito a aposentadoria pela sua função
de Caçador mas em consequência de transgressão foi demitido do ser-
viço público.

América do Sul

Esp̄rança de um futuro melhor

1000 Taliões

acompanha o valor acima

..... aos 17/3 57

Ao Governo Real

Assinaturas

em

...Merseburg"

A titulo de esclarecimento, Talião era a moeda da época.
Faz parte também do processo de emigração o documento (7) que se-
gue:

Nomeação de Procurador

Merseburg 24 de março de 1857

Governo Real-Departamento do Interior

.....2871

Ern: Sob..... devolução ao Ministério da Província de Vitzenburg
com o encargo de dar ciência ao Sr. Wehmuth do conteúdo do abaixo
especificado relatório e conceder-lhe o Certificado de Desligamento
anexo após a apresentação de um atestado idôneo sobre a autenticida-
de das suas declarações na negociação anexa. O mencionado certifi-
cado deve então ser entregue a mim e no caso da concessão do docu-
mento que não pairam duvidas sobre a veracidade do atestado.

..... aos 30 de março de 1857

O Conselho real

assinatura

Ao Conselho Real

para

H. Ullrich

Nº. C 812 I A

O documento seguinte, (7) também pertencente ao processo de
emigração, deixa a entender que em alguma época nosso patriarca ha-

via se desentendido com a família de sua mulher que questionava um valor de 1.900 Taliões.

29/3 57
Nº. 2841

O Real Departamento do Interior cumpre em função do relatório do dia 18 do corrente mês, em exame, uma disposição aqui anexa: O Certificado de Desligamento preparado para o ex-Regente Florestal Louis Wehmuth de Kleinwangen com a condição de não ser entregue ao "extrahent" antes que tenha atestado de alguma maneira digna de fé as suas declarações no Protocolo Legal de 16 do corrente mês referente ao pedido feito pelos parentes de sua esposa de como teria empregado os 1000 Taliões.

O exame da declaração será feito pelo Real Departamento do Interior e terá que ser apresentado quanto antes.

No que se refere a pretensa exigência feita pelo Sr. Wehmuth ao Fisco sobre super inventário, não estamos no momento em situação de pronunciar-nos a este respeito, se e que valor lhe é devido na mesma exigência.

Por isso fica a critério do Sr. Wehmuth alongar as negociações sobre o assunto eventualmente o destinatário do dinheiro e fornecimento de um recibo de um

E) RUMO A DESCONHECIDA TERRA PROMETIDA

Foi no dia 7 de maio de 1857 que a família Wehmuth, pela última vez, já a bordo do navio Caroline, viu nas margens do Elba, sua terra natal. Sabia também que esta era uma viagem sem volta.

O "vapor" Caroline naquele dia partia de seu porto doméstico. Hamburgo, sob o comando do Capitão P. Kölln, tendo como destino "Santa Catharina, Itajahy e Rio Grande do Sul" (8) carregando nova leva de migrantes esperanças, nem sempre suficientemente preparadas para se degladiarem com toda sorte de dificuldades na nova terra, depois de penosamente cruzarem o Atlântico numa travessia que duraria 76 longos e desconfortáveis dias.

Na época os armadores contratavam o transporte de migrantes com os governos ou organizações interessadas e percebiam pela "carga" transportada valores unitários diferentes para adultos masculinos ou femininos, crianças até 10 anos ou até 1 ano de idade.

Os transportadores contratados tinham a sua maneira peculiar de ver os migrantes uma vez que não emitiam listas de passageiros mas sim listas de "pessoas engajadas na emigração".

Esta listas, em grossos livros, continham colunas discriminando "os engajados" segundo sexo e idade para facilitar o cálculo do frete gerado.

A família Wehmuth constava como segue, convindo observar o nome abreviado do chefe:

Verzeichniss

der Personen, welche mit dem *Chemnitzer* Schiffe *Caroline* Cap. P. Hill
 nach *Santa Catharina, Itajahy e Rio Grande do Sul*
 zur Auswanderung durch Unterzeichneten engagirt sind.

| Zu- und Vorname und Familie. | Geburts- und Wohnort. | Landes. | Gewerbe. | Alter | Ge- schlecht | | Total | Recapitulation | | |
|---------------------------------|--------------------------|---------|-----------------|-------|-----------------|--------|-------|--|-----------------------------------|---------------------|
| | | | | | mascul. | weibl. | | Adultos e crianças acima de 10 anos. | crianças abaixo de 10 anos. | abaixo de 1 ano. |
| Wermuth L. | Kl. Wangen | | Chefe Florestal | 44 | 1 | | 1 | | | |
| " nasc. Brinsch | " | | | 40 | | 1 | 1 | | | |
| " Leopoldine | " | | | 16 | | 1 | 1 | | | |
| " Louis | " | | | 12 | 1 | | 1 | | | |
| " Otto | " | | | 8 | 1 | | | | 1 | |
| " Emil | " | | | 6 | 1 | | | | 1 | |
| " Thereze | " | | | 2 | | 1 | | | 1 | |

LISTA

das pessoas abaixo assinadas engajadas na emigração
 para Santa Catharina, Itajahy e Rio Grande do Sul
 no navio Hamburguês Caroline Cap. P. Hill.

7 Maio

| Nome e Prenome e Família | Local de Nascimento e Residência | Estado | Profissão | Idade | Sexo | | Total | Recapitulação | | |
|-----------------------------|---|--------|-----------------|-------|-------|------|-------|---------------|--|-----------------------------------|
| | | | | | Masc. | Fem. | | Relig. | Adultos e crianças acima de 10 anos. | crianças abaixo de 10 anos. |
| Wermuth L. | Kl. Wangen | | Chefe Florestal | 44 | 1 | | Catol | 1 | | |
| " nasc. Brinsch | " | | | 40 | | 1 | Luth. | 1 | | |
| " Leopoldine | " | | | 16 | | 1 | " | 1 | | |
| " Louis | " | | | 12 | 1 | | " | 1 | | |
| " Otto | " | | | 8 | 1 | | " | | 1 | |
| " Emil | " | | | 6 | 1 | | " | | 1 | |
| " Thereze | " | | | 2 | | 1 | " | | 1 | |

Pela lista se vê que nem a pequena Marie nem o filho mais velho Wilhelm Eduard, com 17 anos de idade, embarcaram com destino ao Brasil.

Não me foi possível descobrir o paradeiro deste último, cuja falta talvez tenha sido substituída por

8 — PETER KARL WALDEMAR BRUNO

Conhecido por Bruno que nasceu a bordo depois de somente 24 dias de mar, no dia 31.05.1857 as 6 horas da tarde.

A alegria do feito deve ter contagiado a todos que estavam a bordo inclusive o primeiro Pastor Luterano de Blumenau, Pastor Hesse e sua mulher Wanda.

O menino foi batizado em meio ao Atlântico no dia 14 de junho, sendo padrinhos o comandante do navio Kapitän Peter Kölln, a Sra. Wanda Hesse e o comerciante Bruno Kost.

O Primeiro Livro de Registros da Igreja Luterana de Blumenau se inicia por este assentamento.

No dia 23 de julho de 1857, dia da chegada, abre-se a primeira página da história de dedicação e árduo trabalho dos Wehmuth na nova Pátria Brasileira.

No dia 9 de agosto de 1857 Pastor Hesse, numa choupana coberta de folhas e palmitos, acalentou a esperança dos recém chegados e estimulou a fé dos que aqui já sofriam, celebrando o primeiro Culto Evangélico na nossa querida Blumenau.

Nosso patriarca conforme registros da Igreja Evangélica de Blumenau, faleceu no dia 2 de outubro de 1877, de derrame cerebral, as 11 horas da manhã, com 64 anos de idade: Em 7 de abril de 1879 compareceu em Cartório (10), a viúva Henriette, seus filhos, genro e noras, como sucessores de Louis Wehmuth, o Dr. Hermann Blumenau e o Sr. Alfredo Kretschmar. Louis Wehmuth em 1857 quando da sua chegada havia comprado do Dr. Blumenau um terreno do qual restava um saldo a pagar de quatrocentos mil réis. Neste ato o Sr. Kretschmar indeniza os sucessores, de Louis Wehmuth em seiscentos mil réis e é nomeado procurador pelos mesmos para assumir o terreno tão logo tenha pago o saldo ao Dr. Blumenau.

Nos próximos artigos darei continuação a esta genealogia relacionando os descendentes de cada um dos filhos do patriarca.

Desejo aqui registrar os meus mais profundos agradecimentos a todos aqueles que cooperaram, de uma forma ou de outra, pois sem o apoio dos mesmos esta genealogia não poderia ter sido compilada. Citá-los, seria quase a própria.

Cópia de todos documentos citados foram depositados no Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva, sob a forma de fac-símile e de tradução, disponíveis para consulta ou eventual pesquisa futura.

(1) Registros de Batismo MKB 614 fl. 407 — Geheimes Staatsarchiv Preussischer Kulturbesitz — Berlin.

(2) Idem fl. 456

(3) Livro de Registro de Batismos — Taufnachrichten pg. 97 da Igreja Luterana de Wangen — Memleben.

(4) Idem

(5) Idem pg. 104

(6) Idem

(7) Processo de Emigração — Landeshauptarchiv Sachsen-Anhalt — Rep. C 50 — Landratsamt/Kreiskommunalverwaltung Querfurt A/B Nr. 238 Bl. 112r, 113r, 113v.

(8) Lista de Passageiros — pg. 349 — Auswanderungsamt 2, VIII A1, Band 11, Teil 1 = K1705. — Staatsarchiv Hamburg — Hamburgo.

(9) Brockhaus Enzyklopädie.

(10) Cartório Margarida Livro 9 Página 98.

Contistas “Alemães” Catarinenses

Análise de contos de José Deeke e de Therese Stutzer

Prof^a. Valburga Huber
UFRJ

— “Alberto Korfeld”: (de José Deeke)

Enredo: Dois irmãos imigrantes, Ralph Käster e sua irmã Gertrud, tentam iniciar nova vida no Brasil e aqui enfrentam dificuldades de adaptação. Contratado para instalar, como engenheiro, uma usina elétrica, Ralph encontra em Alberto Korfeld, técnico teuto-brasileiro, um rival, ao qual ele tenta inferiorizar. Há incidentes desagradáveis e confrontos culturais. O trabalho junto na usina e o amor de Alberto por Gertrud e de Ralph pela filha do Presidente da Câmara, desfazem a frieza. A união e compreensão se instalam.

Personagens e dualismo: É retratado o problema cultural entre “Neudeutsche” ou seja, alemão recém-imigrado (Ralph) e os teuto-brasileiros (Albert e Margaret). O meio termo é Gertrud, bem adaptada a nova terra e o elo entre os dois mundos.

Dos personagens, Ralph Käster é o alemão que se ressentido do desnível cultural entre os recém-chegados e os descendentes de alemães da colônia. O alemão é o tipo culto, bem educado, superior, comparável na colônia só aos mais velhos, que também são considerados, por Ralph, culturalmente defasados:

— Os alemães que tu aí mencionas ainda possuem naturalmente o que chamam cultura, peio menos os velhos porque eles ainda são da Alemanha. Mas eles já estão totalmente desatualizados, vivem 20 ou 30 anos atrasados. 51

Ralph mostra desprezo pela cultura local, que considera inferior, carente de mão-de-obra especializada:

— Pois é, coisa deste tipo enervam a gente. O senhor chama-se Alberto Korfeld e tem a formação das escolas de aldeia daqui — pois outro nome não há para estas instituições escolares — um pouco de trabalho mal feito em cada área hoje comerciante, amanhã empreiteiro de obras, depois de amanhã engenheiro. Pois é... É um homem assim é admirado aqui. Já de vários lados vieram sugestões que eu o empregasse como meu assistente, imagine só... 52

Gertrud é uma personalidade equilibrada, que valoriza o nível cultural nos teuto-brasileiros como Alberto Korfeld e o defende ante o irmão radical:

... Ele é muito capaz em todos os sentidos, tem bom relacionamento com os luso-brasileiros porque domina a língua da terra e, portanto, é o homem indicado para ocupar um lugar de chefia na grande usina elétrica que vais instalar. 53

O mesmo acontece com a Margarete, filha do Presidente da Câmara Municipal, com forte espírito teuto-brasileiro, apesar dos estudos de quatro anos na Alemanha. Uma longa permanência na Alemanha é respeitada por Ralph, mas quando a mesma é curta ele a vê pejorativamente, como é o caso de Alberto Korfeld:

— Viagens curtas à Alemanha, como em parte as pessoas aqui fazem, não tem, principalmente no que concerne à formação espiritual, propósito e valor algum. Pelo contrário, eles só confundem a impressão dos que se surpreendem com isso. Eles acham, depois de tal viagem, serem o máximo, quando na realidade lhes escapa qualquer formação espiritual ...

Já, totalmente diferente é o caso de quem fica na Alemanha muito tempo, lá realmente estuda e se forma, como o fez a Srta. Margarete. Isto significa reais vantagens para toda a vida. 54

Aos poucos, com lições de humildade aqui e ali, Ralph consegue adaptar-se à nova vida e conquistar a mulher que ama (Margarete). Alberto Korfeld encontra naturalmente em Gertrud — pessoa aberta, tolerante, capaz de se adaptar às novas condições de vida e usufruir suas belezas naturais — sua companheira. A pessoa amada, mais uma vez, lança raízes, como o sucesso na nova terra.

Como vemos, o dualismo é agora entre os dois tipos de alemães: os radicados aqui há muito tempo e os recém-imigrados. Estes são fechados, dogmáticos, nacionalistas. Os teuto-brasileiros são, abertos, tolerantes, seres que, divididos entre duas culturas, adquiriram uma sensibilidade especial. No final, há a conciliação de mentalidades com concessões mútuas.

"ELISE LINGEN"

Enredo: O casal Lingen — dois temperamentos diferentes — emigra para o Brasil. Na viagem, vários problemas surgem, entre eles a prisão do Sr. Lingen por roubo. Elise encontra, então, em Bartenberg, um amigo que a ajuda e, já no Brasil, nasce entre eles sólido afeto. Volta o marido libertado por motivo de doença. Elise hospitaliza-o e emprega-se no hospital para saldar as dívidas. Com contínuas dificuldades, presa a moralismos e tradições, conforma-se com seu destino. No final, morre o marido e o amigo termina por casar-se com sua irmã que a visitava no Brasil.

Depois da morte do marido, chega a irmã de Elise que tem um temperamento alegre, extrovertido. Entre ela e Bartenberg nasce uma simpatia especial, pois este vê nela o reflexo de Elise, a quem ele ama. Numa visível renúncia à felicidade,

pela felicidade dos que ama, Elise conforma-se com a solidão e continua ligada à velha pátria e ao marido morto. A saudade triunfa sobre a esperança.

"MARIA LUISE" (de Therese Stutzer)

Enredo: Maria Luise, menina terna e delicada, casa-se por vontade dos pais, com um senhor, bem mais velho que ela. Com ele não conhece o amor, só o temor, e tem dois filhos. Numa viagem do marido à Alemanha, ele convive com Heinrich, empregado do sítio. Descubrem o amor, mas no regresso do marido ela despede o empregado e é perdoada por sua infidelidade. Ela confessa sua culpa e o marido admite que lhe deu pouco carinho. Após a reconciliação, Marie Luise morre num acidente, numa espécie de castigo. Peter Jürgens, o marido, reconstitui sua vida, casa-se novamente, mas jamais supera a saudade de Maria Luise. Como pano de fundo, há paralelos entre o Brasil e Alemanha, descrições da colônia, sua gente e sua vida.

Personagens e seu dualismo: O pai de Marie Luise, o Sr. Holsteiner, é o típico imigrante que concretiza aqui seus projetos:

Sua propriedade se estende até onde a vista alcança. Aqui ele é o senhor ilimitado. E ele conquistou este pequeno reino a duras penas.

Como jovem pobre, sem um tostão, ele imigrara do norte de sua terra natal. Passo a passo, com grande esforço, ele derrubou a mata virgem de sua propriedade. E agora, ele pode viver com os seus, sem preocupações, sobre o seu próprio chão, um homem livre, independente. 58

A solidez econômica é buscada também no casamento. A força da tradição está presente no Sr. Holsteiner, quando dá a filha em casamento, sem consultá-la, como vemos num diálogo com a esposa:

— August, tu deste uma resposta

afirmativa sem consultá-la?

— Quem te consultou, Christine?

— Está certo, mas ela é tão diferente e ainda uma criança ...

(...)

— Mãe, tu achas que eu a daria a alguns desses João ninguém modernos, tal qual eles vêm agora da Alemanha? Nunca! ... Eu sei que se trata da felicidade dela, se nós concordamos. Já esqueceste que tu pensavas que ninguém servia para ela? Que um príncipe teria que surgir? Um príncipe como esses dos romances para começar não existem. O Jürgens pode ser visto na nossa colônia como um príncipe. 59

O amor mostra à Marie Luise o lado luminoso da vida. A alegria volta à sua alma através do estranho que chega. É um andarilho que fala da pátria dos seus pais e que lhe dá nova perspectiva do mundo:

E a vida era agora tão bela: ela se alegrava dia após dia. Se alegrava já ao levantar de manhã, quando olhava para as suas crianças rosadas, quando ia ao jardim e via brilhar o sol sobre os botões e folhas cheios de orvalho. Por que não vira até então quão bela era a vida? Por que parecia-lhe que as flores e os arbustos, árvores e montanhas, haviam adquirido outras cores? Que tudo brilhava sob uma luz dourada? Ela não o sabia, mas — era tão lindo! Todo um mundo novo se abria para ela ... E ela sorria e cantava baixinho canções alemãs que aprendera com a mãe, quando era criança. 60

Entre Marie Luise e Heinrich há comunicação espiritual: os mesmos gostos, a mesma sensibilidade, a mesma delicadeza de sentimentos, interesses intelectuais. Só o sentimento de culpa põe sombras neste amor puritano e tímido:

— Sim, mestre: está escrito nas Sagradas Escrituras: Quem olhar uma mulher, e cobiçá-la, já pecou ... — e quando ele me tinha nos seus braços, eu desejei que pudesse ficar ali para sempre. Isto eu desejei! Eu pequei, pois, no meu coração. Agora, tudo sabes! 61

Após a reconciliação e a decisão de

Jürgens de enfrentar de cabeça erguida a opinião alheia, Marie Luise morre de acidente num passeio a cavalo. Jürgens casa-se novamente, mas não esquece Marie Luise, que a filha, Mariechen, perpetua em sua memória.

O dualismo está presente em muitas passagens.

Os homens mais conscientes da colônia queixam-se da falta de estímulo e assistência da Alemanha, apesar da fidelidade espiritual que lhe devotam:

"Eles falavam de quão escandaloso era a sua velha terra-mãe, a Alemanha, os ter esquecido tão completamente aqui. Daí eles mandam esses viajantes e procuradores que mantêm o nariz aqui por dois ou três dias e afirmam que eles sabem como são as coisas por aqui, encham o mundo de mentiras e nos ajudar que seria melhor, não ajudam. Onde há alemães mais fiéis do que aqui? Mas na Alemanha eles são tolos e ignorantes.

....O que não poderia erguer-se aqui, onde todas as condições vitais estão reunidas? Aqui jaz a terra distante que apenas espera por mãos trabalhadoras, por vontades fortes e mentes lúcidas, para transformar este deserto verde num paraíso maravilhoso! 62"

Heinrich, ao chegar a Blumenau, vê nesta cidade uma continuação de sua terra natal, pois sente-se estranho em outros lugares:

Eu nem consigo expressar como me sinto bem, diz ele, se as palmeiras não balançassem em volta da casa, se as bananas não estivessem em cima da mesa, eu diria: eu havia voltado novamente à Alemanha. Há vida alemã por toda parte, nas praças e estradas e dentro de casa. Ah, e como isto faz bem depois que se viveu tanto tempo só entre brasileiros. 63

Em viagem à Alemanha Peter Jungers vê que já não pertence àquele mundo, que sua pátria é o Brasil, onde estão as pessoas amadas. Marie Luise representa simbolicamente o Brasil, que ele ama como sua pátria:

Lá na Alemanha, nada me alegrava, nem o fato de rever os parentes — eles haviam se tornado estranhos para mim, nós mal nos entendíamos. Nas grandes cidades, deprimiam-me as ruas estreitas, a vida agitada com toda aquela movimentação dava-me tonteiras — eu sentia saudades de você, Maria Luise e das crianças... Assim eu cruzei o oceano no-

vamente, com o coração transbordando de saudade, de amor e desejo de poder reparar o que fizera de injusto... 64

DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

"SAUDADE E ESPERANÇA — O Dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura"

UM GRITO DE ALERTA

O MATO DOS PADRES

Após leitura do artigo "UM GRITO DE ALERTA — O MATO DOS PADRES" de autoria de meu sobrinho ARMANDO LUIZ MEDEIROS, publicado no BLUMENAU EM CADERNOS nº. 7 do mês de julho de 1992, sinto-me na obrigação de expressar publicamente o meu apoio ao alerta e ao apelo de Armando para salvar o MATO DOS PADRES da destruição e da especulação imobiliária.

Conheci o MATO DOS PADRES muito antes de meu sobrinho. Na minha época a MATA ATLÂNTICA era uma área muito mais ampla. A variedade e a quantidade de pequenas e maiores aves e pequenos animais era enorme. E, meu irmão Hans, em companhia dos amigos Arno Krepesky, Erico Mueller, Raul Deeke e outros, frequentemente penetramos nessa mata seguindo pela picada aberta pelos padres. O silêncio, só afetado pelo cantar das aves, nos fascinava. Algumas vezes iam para caçar, mas na hora de atirar numa sábia cantando ou num tucano colorido, cadê coragem.

Infelizmente, a área foi sendo dizimada com a abertura de novas ruas e construção de casas residenciais e comerciais. A propriedade dos meus pais, que se iniciava na rua 15 de Novembro e se estendia por mais de 1000 metros, teve seu mato prejudicado com a abertura das ruas Getúlio Vargas e 7 de Setembro.

Com o crescimento da cidade, as aves e os animais foram se afastando cada vez para mais longe. Nos meses de inverno costumavam se aproximar das residências em busca de alimentação. Lembro-me que em anos de inverno mais rigoroso, bandos de tucanos famintos invadiam nosso quintal a procura de comida. Penalizada, minha mãe cozinhava aipim e batatas para alimentá-los. Tornavam-se mansos e no dia seguinte voltavam. No nosso quintal nunca foram caçados. O mesmo infelizmente não aconteceu em outras residências vizinhas. Mal as infelizes aves se aproximavam, eram impiedosamente caçadas e abatidas a tiros de espingarda. Tucanos era a caça preferida dos caçadores.

Porisso junto-me ao alerta e ao apelo do Armando: salvem o MATO DOS PADRES e o que restou da MATA ATLÂNTICA da destruição e da especulação imobiliária.

BLUMENAUENSES UNIDOS VENCERÃO.

Alfred Luiz Baumgarten

O CENTENÁRIO DE OTHON D'EÇA

Transcorreu no dia 3 de agosto o centenário de nascimento de Othon da Gama Lobo D'Eça (1892/1965). Contista, memorialista, cronista e poeta, era também jurista e professor de Direito Romano, de quem tive a satisfação de ser aluno na velha Faculdade de Direito de Santa Catarina. Suas aulas, que começavam pela análise dos vetustos brocados latinos, acabavam se desviando quase sempre para o elogio de Eça de Queiroz, de quem sempre foi afeiçoado. Homem irrequeto e simpático, Othon D'Eça cativava as pessoas e se tornou amigo de meu pai nos tempos em que morou em Campos Novos.

"Homens e Algas", com certeza o mais conhecido de seus livros, é uma coletânea de contos regionalistas em que focaliza o litoral de Florianópolis e sua gente. Num estilo enxuto, com uma linguagem tão econômica que quase chega a ser descarnada, descreve com força e emoção os dramas e alegrias dos homens que vivem à beira-mar. É justo e merecido o renome de que desfruta esse livro, desde seu lançamento, em 1957, numa edição da Imprensa Oficial. Também "Aos Espanhóis Confinantes", diário de uma expedição ao oeste do Estado, nos idos de 1929, é de leitura absorvente, revelando um observador aguto e um escritor hábil no manejo da palavra.

Othon D'Eça foi colaborador da célebre "Revista do Brasil", no período em que pertenceu a Monteiro Lobato, com quem teria trocado inúmeras cartas. Embora tentasse, nunca consegui examinar essa correspondência, em poder de sua família, que poderia talvez acrescentar novos dados aos dois missivistas e suas obras. Nereu Corrêa escreveu sobre ele um insuperável ensaio, fotografando a figura humana, com seus gestos e cacoetes, e analisando sua obra com critério. Celestino Sachet lhe deu o merecido destaque na história de nossa literatura. Segundo opinião geral, assim como Lobato, Othon D'Eça conversava tão bem como escrevia.

A Fundação Catarinense de Cultura, em boa hora, está promovendo a reedição das Obras Completas do escritor, em cinco volumes, marcando de maneira triunfal o evento e recolocando os escritos de Othon D'Eça ao alcance do leitor. Muito mais que solenismos, essa iniciativa faz honra à memória do grande vulto das letras catarinenses.

UM LIVRO FUNDAMENTAL DO MODERNISMO

Com apresentação, organização, resumo biográfico e notas de Jácomo Mandatto, acaba de ser publicado pela Pontes Editores (Campinas-SP), o livro "A Semana Revolucionária", de Menotti del Picchia,

um dos expoentes de nosso Modernismo e cujo centenário de nascimento se comemora neste ano. O volume, com excelente qualidade gráfica, reúne conferências, artigos e crônicas de Menotti publicados na imprensa da época, em geral sob o pseudônimo de Hélios, e todos relacionados com a célebre semana e seus realizadores. Graças ao paciente trabalho de Jácomo Mandatto, rebuscando em papéis e jornais velhos, vêm a público textos do autor de "Salomé" de difícil acesso para os interessados, em geral citados de segunda mão, embora conttenham manifestações importantes sobre aquele movimento de renovação cultural. O livro informa em detalhes, através de fonte insuspeita, como foi a Semana de Arte Moderna, seus incidentes e preparação, os princípios estéticos defendidos pelos modernistas e sua posterior aceitação geral, a poesia modernista, perfis dos principais modernistas e seus incentivadores, além de inumeráveis outras informações indispensáveis para bem entender o Modernismo, sua repercussão e consequências na cultura nacional. Acentua em mais de uma passagem que Monteiro Lobato "revolucionou a prosa nacional" e que Joaquim Inojosa foi o portador da idéia nova ao Norte/Nordeste, fatos nem sempre lembrados como merecem. Graças à incansável dedicação de Jácomo Mandatto, a quem tanto devem a obra e a memória de Menotti, surge um livro que desde já pode ser considerado um documento fundamental do Modernismo.

"CORREIO DAS ARTES"

Fundado na década de 40 e publicado quinzenalmente pelo jornal "A União", de João Pessoa, o "Correio das Artes" é um dos suplementos culturais mais criteriosos e sérios do país, razões que justificam a consideração que merece. Sempre com esmerada apresentação, ele publica ficção, ensaios e poemas, ilustrados por artistas locais e de outras regiões. Contando com colaboradores de todo o país, circula em todo o território nacional, onde é muito conhecido e tem leitores cativos, inclusive em Santa Catarina. Com grande prazer para mim, acabo de ser nomeado seu correspondente no Vale do Itajaí, a partir do número 332. Espero corresponder e torná-lo ainda mais conhecido por aqui.

V A R I A D A S

Lançaram novos livros no período os catarinenses Marinho Laus ("Em busca de nossas raízes maternas"), J. A. Medeiros Vieira ("Uma história impossível") e Edltraud Zimmermann Fonseca ("Indaial, cidade das plantas e das flores"). Esta última lançou o livro naquela cidade, com grande sucesso. * O Prof. Odilon Nogueira de Matos, coordenador da revista "Notícia Bibliográfica e Histórica", publicada pela PUC de Campinas, escreveu dois excelentes artigos, es-

tampados na imprensa paulista, sobre o historiador catarinense Carlos da Costa Pereira, cujos méritos como historiador e pessoa soube ressaltar. * Organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, realizou-se entre 1º e 4 de setembro, no auditório do Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis, o 1º. Encontro Catarinense de Micro-História, com palestras e debates sobre a história regional, seus conceitos e implicações. * E por falar em Instituto Histórico, essa instituição lançou um substancial manifesto contra o movimento que pretende criar o Estado do Iguapé, com o desmembramento de áreas catarinenses e paranaenses. O documento mostra, com sólida argumentação, a improcedência dessa esdrúxula proposta e por essa posição clara merece cumprimentos. Mas é necessário que permaneça alerta contra o movimento oposto, que vai crescendo subrepticiamente em certos órgãos de imprensa e na opinião pública, que pretende a anexação de nosso Estado ao vizinho Paraná. Li em importante jornal de Curitiba, há poucos dias, que essa seria uma "sugestão de renomados cientistas como a mais recomendável para os dois Estados." * Promovida pelo Museu Histórico de Santa Catarina, com o apoio de outras entidades, realizou-se em Florianópolis a exposição de pinturas "Portões em tempo de primavera", do artista plástico Willy Zumblick. * Aconteceu na cidade de Canoinhas, entre 4 e 7 de setembro, a V Festa Estadual da Erva-Mate (FESMATE), com vasta programação, incluindo lançamento de livros e outras atividades culturais. O evento vem alcançando grande projeção. * Os catarinenses Nilson Thomé e Amílcar Neves lançaram suas obras no correr da 12a. Bienal Internacional do Livro, no pavilhão do Ibirapuera, em São Paulo.

UM LUSO-BRASILEIRO EM BLUMENAU

A ESCOLA REVISITADA

Rui Moreira da Costa

Muito me sensibilizaram as amáveis palavras escritas pela colega de colégio e amiga de sempre Aiga Barreto Müller Hering ao se referir às minhas reminiscências da escola em Blumenau. Agradou-me, também, conferir nossas lembranças, ampliando-as com algumas coisas que jaziam em vãosinhos da memória e que eu não havia citado em meu artigo. E outras, ainda mais, das quais eu não tinha tido experiência, como por exemplo a nacionalização da Escola Alemã.

Entre já na Escola Particular Pedro II, em 1940, no 4º. ano primário e o ensino já era feito todo em português. Minha professora titular de classe era Dona Hilda de Souza Schneider, que muito me

incentivava nos estudos e de quem me recordo sempre com muito carinho. No ano seguinte, em lugar de ingressar no Curso de Admissão do Colégio Santo Antônio, como a maioria de meus colegas fez, matriculei-me no 1.º Ano do Curso Complementar, pretendendo fazer o exame de admissão ao Ginásio no início de 1942. Nesse 1.º Ano do Curso Complementar, quando em lugar de um só professor tínhamos vários, um para cada disciplina, tínhamos aulas de alemão como língua estrangeira dadas por Dona Frieda Liesegang como língua opcional, exatamente como foi mencionado pela amiga Aiga, no decorrer de seu artigo, até a entrada do Brasil na guerra, em 1942. Como naquela época não havia ginásio em Itajaí, não consegui fazer o exame de admissão e continuei os estudos no 2.º Ano do Curso Complementar. E, quando voltei ao Pedro II, em agosto de 1942, já se estudava o francês como língua estrangeira opcional no curso complementar. A professora era Dona Frieda Liesegang, que continuava com sua elegância de gestos e a dignidade de sempre.

Quando aos nomes e letras das cantigas escolares infantis alemãs, agradeço a gentileza de corrigir os erros e peço a todos desculpas pelos atentados à língua alemã, que prezo e respeito muito, pois para mim é minha segunda língua mãe. Ao citar os nomes com grafia errada, foi minha intenção mostrar como era que nós os "caboclinhos" imitávamos os sons das palavras das canções alemãs, sem nos preocupar com o significado, quanto mais com a gramática ou ortografia. Daí aquele Pierdie em lugar de Pferdchen e lop em lugar de lauf. Assim também dizíamos Medie em lugar de Mädchen. Mais tarde ao fazer um curso regular de alemão, no Instituto Cultural Brasil-Alemanha, aí em Blumenau e no Instituto Goethe, aqui em Curitiba é que consegui aprender e corrigir o alemão de cozinha que eu tinha aprendido de ouvido quando criança e que estava já quase esquecido. Quanto ao Ente em lugar de Gans, deve-se à falha de memória. Lembrei-me do significado, mas o bicho era outro. Quanto àquela última canção, com a qual encerrei meu artigo, "Como são belos os verdes anos", encontrei um dia desses na biblioteca de um conhecido meu, a letra inteira em alemão. Justificando pela beleza dos versos, gostaria de transcrever a primeira estrofe ao me despedir:

Schön ist die Jugend bei frohen Zeiten,
Schön ist die Jugend sie kommt nie mehr.
Bald wirst du müde durchs Leben schreiten,
um dich wird's einsam, im Herzen leer.
Drum sag ich"s noch einmal:
Schön ist die Jugendzeit,
Schön ist die Jugend,
sie kommt nie mehr.
Sie kommt, sie kommt nicht mehr,
kommt niemals wieder her.
Schön ist die Jugend,
sie kommt nie mehr.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), editado da Colônia Dona Francisca, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Anúncios diversos de junho de 1870.
Em português:

EDITAL

A Câmara Municipal de Joinville faz público pelo presente, que devem ser pagos até primeiro de agosto, os impostos seguintes, pelo corrente ano:

Imposto por oficinas profissionais, sendo:

Dentro da Vila — Rs. 6\$000, cada. Fora da Vila — Rs. 2\$000.

Imposto por curtume — Rs. 10\$000. Idem sobre carros — Rs. 3\$200.

E para que chegue ao conhecimento de todos, mandou lavrar 3 destes, de igual teor e publicar pela imprensa, e afixar nos lugares de costume.

Secretaria da Câmara Municipal de Joinville, aos 28 de maio de 1870.

O Presidente - Adolfo Haltenhoff, Dr.
O Secretário - Ulrich Ulrichsen

Em alemão:

Os lampiões comuns a querosene, dos quais eu trouxe o primeiro exemplar da Europa, e que agora já estão sendo usados em toda a Colônia, precisam ser bem atarraxados e o pavio deve ser o mais grosso possível, pois assim se tornam mais econômicos.

C. G. Schiefelbein,

Em alemão:

AULAS DE GINÁSTICA

Com o fim de dar oportunidade à juventude de praticar exercícios, a partir de agora serão ministradas aulas para rapazes em idade escolar às segundas e quintas-feiras, às 4 horas da tarde, e para a juventude acima de 14 anos até a idade de serem admitidos como sócios na Sociedade, serão dadas aulas de ginástica nas noites de reunião. O treinador, Sr. Wild, dirige os exercícios, aceitando as matrículas durante as primeiras aulas. Cada aluno pagará à caixa da Sociedade de Ginástica a mensalidade de 120 Réis.

Em alemão:

Estão à venda 50 colmeias de abelhas italianas.

Tratar com F. W. Steiniger, Estrada da Ilha.

A coleção do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

Segundo Prefeito nomeado do município de Indaial.
Padre Luiz Venzon, novo diretor do Colégio "S. Paulo"
Chegada das Irmãs Catequistas em Ascurra.
Nomes que merecem destaque especial nesta história.

Em 1932, eclodia a Revolução Constitucionalista em São Paulo. O fato de o Presidente da República governar o país sem o apoio de uma Constituição, deu oportunidade a que as forças antagônicas se sublevassem contra o Poder Executivo do país. A situação se normalizou quase, plenamente, em 1934, ano em que foi tornada pública a Nova Constituição. Em 1937, houve porém novo período ditatorial. A Constituição promulgada a 10 de novembro desse ano, quebrou o princípio harmônico e independente dos Três Poderes, controlando o Governo Central, o Legislativo e o Judiciário. O país, desde então, começou a ser governado através de Decretos-Leis, com Poder Institucional. O Presidente, a partir desse momento, deu posse nos Estados de Interventores Federais, os quais, conseqüentemente, vieram a nomear os Prefeitos Municipais.

O distrito de Ascurra, sob a jurisdição de Indaial, teve este município, como segundo prefeito nomeado pela Interventoria Federal, Frederico Hardt, cuja posse ocorreu a 11 de maio de 1935, no Gabinete da Prefeitura, em cumprimento aos dizeres contidos no telegrama nº. 482 de 10 de maio de 1935, expedido pelo Exmo. sr. Interventor Dr. Nereu Ramos, dando posse a Hardt, o Juiz da 9a. Zo-

na Eleitoral do Estado, Dr. Severino Nicomedes Alves Pedrosa.

O novo Prefeito, em seu período administrativo exerceu um trabalho notável, especificamente, na abertura de outros caminhos carroçáveis e seus posteriores revestimentos de macadame, tornando desde então, mais acessível o tráfego de pedestres e veículos, em quase todo o território de Ascurra, não obstante, a precária mecanização da Prefeitura. Dispensou especial atenção, principalmente, às solicitações de obras em benefício do Distrito, ao seu novo colaborador, Amélio Isolani, que sucedeu seu progenitor, Florindo, na Intendência Distrital.

No ano de 1941, assumiu a direção do Colégio «São Paulo», o Padre Luiz Venzon, até fins de 1942. O abnegado sacerdote dirigiu esse aspirantado destinado a jovens tendentes à carreira eclesiástica, quando no mesmo período, houve o seu fechamento temporário, porquanto, o movimento nacionalista implantado desde o Estado Novo, não permitia o ensino de língua de outros países. Em conseqüência o referido diretor, por ser italiano nato, foi compelido imediatamente a deixar o cargo. Padre Venzon, de coração magnânimo, amigo de todos, estava sempre presente onde quer que houvesse necessidade de uma pa-

lavra de alívio e conforto. Empolgava os paroquianos com seus sermões religiosos. Estendeu-se em todas as direções da região o influxo de seu zelo apostólico. O povo de Ascurra o viu partir com a mais intensa saudade e dor. Seu substituto, Padre Aleixo Costa, catarinense de Luiz Alves, pautou sempre os seus atos pela mais severa nas normas, de caráter firme, mas sempre inspirado na virtude e no dever, soube fazer-se amar por todos.

Outras pessoas que merecem destaque especial e que se deve ressaltar a sua contribuição, caracterizada pelos seus trabalhos realizados em benefício da comunidade: João Henrique Dadam, de origem humilde, filho de família italiana do então pequeno município de Nova Trento, exercia a profissão de pedreiro, de natural bonachão, prestativo e de um tino prático administrativo e ordenado, contou com a mais sincera estima e simpatia, desde os primeiros contatos com os moradores de Ascurra, nos idos de 1935. Organizou a hora do seu trabalho normal de construção de casas de baixo padrão, poucos meses após à sua chegada, o Grupo de Escoteiros, orientando-os dentro da doutrina do escotismo, ministrando-lhes lições de história e ensinando-lhe a marchar sob as batidas de um tambor bastante surrado. Participou com o seu Grupo, de concentrações regionais de escoteiros, em Florianópolis, Joinville, Blumenau e Indaial. Foi um zeloso chefe. No ano seguinte, abriu escola noturna para rapazes, cujas aulas eram ministradas em barracão noite adentro, à luz de lampiões fumarentos, aos vinte alunos matriculados. Mandou fazer

as carteiras por conta própria, bem como, o quadro negro. O ensino era gratuito e não oficial. Deixou Ascurra em 1940, retornando à terra natal onde se estabeleceu com pequeno comércio. Seu nome e conduta ficaram gravados na memória dos ascurrenses e de moradores do vizinho município de Rodeio.

No princípio, também, da década de trinta, Ascurra pode usufruir dos inúmeros benefícios prestados à cultura de crianças e adultos. Não só foram professoras religiosas à altura da missão, mas também, educadoras capazes, eficientes e dedicadas, exercendo uma missão das mais elevadas, inculcando às sucessivas turmas de crianças que passaram pelos seus cuidados, sentimentos nobres, cultivando-lhes o coração, simultaneamente, com o espírito. Essas mestras foram as Irmãs Catequistas Franciscanas, cuja congregação foi fundada em Rodeio no ano de 1914. Nós crianças, recebemos dessas religiosas uma preparação e ensinamentos sólidos, estimulando-nos principalmente a compreensão e ao gosto pelo estudo e pela oração. Dirigiram a Escola Dante Alighieri na sede da vila e as de: Guaricanas, Ilse e mais tarde, a de Ribeirão São Paulo. Irmã Anunciata Vegini e Irmã Dominga Berlanda, lecionaram por mais de quatro lustros na Vila de Ascurra. Embora a Congregação tenha sido fundada por franciscano alemão, quase todas, eram de descendência italiana e sempre mantiveram sua vinculação com a cultura desse país. «Era admirável para as famílias do distrito ver com quanto sacrifício e amor estas catequistas pobres viviam sua vocação». O povo de Ascurra proclamou bem

alto a sua gratidão, aprêço e reconhecimento. Poucos anos depois, de essas religiosas se instalarem nessa região, uma professora leiga, que pelo seu desempenho na Escola Sagrada Família, fora merecedora de todo o respeito e admiração das famílias dessa localidade. Ela deu, realmente, um exemplo de dedicação à instrução. Isabel Alves, descendente de família de Tijucas casou com o lavrador Severino Viviani. Notabilizou-se pelo ensinamento e trabalho na orientação dos filhos dos colonos, residentes próximo desse estabelecimento de ensino primário.

A outros dois professores, Pietro Moretto e Francisco Estédille, se deve dar relevo à sua atuação neste capítulo. Moretto foi o primeiro mestre da Escola Dante Alighieri, onde começou a ensinar as primeiras letras aos filhos dos imigrantes italianos, na primeira década deste século. Seria um nunca acabar se fôssemos pontilhar aqui os inúmeros benefícios que ele trouxe à educação àquelas crianças. Stédille, por várias décadas deu aula na Escola de Ribeirão Oitenta. À medida que os anos passam, cada vez mais os moradores vêem quão grandioso o papel que desempenhou em prol do desenvolvimento da instrução, aos meninos nascidos no alto Vale do Oitenta, nas encostas da Serra do Mar.

Em 1934, a laboriosa população de Ascurra recebeu com muita euforia a notícia, segundo o qual, em frente a Igreja Matriz estava sendo instalada a primeira farmácia pertencente ao recém-chegado farmacêutico. Não podemos olvidar, Oscar Joaquim Bremer, profissional de alto gabarito,

filho de tradicional família de Timbó, cujo progenitor exercia a mesma profissão. Fixou residência na sede do Distrito, sentindo-se conseqüentemente, amparadas as famílias aí residentes, com duradoura permanência do novo farmacêutico. Foi digna de nota a sua atividade de curar. Antes, a população deslocava-se a Rodeio para alcançar a farmácia mais próxima. Bremer nasceu em Timbó, a 12 de dezembro de 1912, já a 20 de julho do ano subseqüente, casou-se com a primeira filha do casal Ernesto e Anna Dalfovo, estabelecido com casa comercial. Elza nasceu em 3 de março de 1916. Mudaram-se em 1936 para Taió, em cujo centro exerceram a mesma atividade. Retornaram pouco tempo depois à terra dos pais, a pedido de seus familiares. A população de Ascurra já estava habituada ao convívio amistoso e dedicado de Elza e Oscar, e seu trabalho tem-se caracterizado de um pronto atendimento, particularmente, nas emergências que em muitas vezes as famílias eram surpreendidas. Aposentaram-se e foram morar em Balneário Camboriú, vindo a festejar solenemente suas Bôdas de Ouro, em 20 de julho de 1985.

Uma tristeza inesperada, porém, veio abalar profundamente parentes e amigos, quando da notícia da morte da benemérita Elza, a 7 de agosto de 1991. Famílias e conhecidos manifestaram seu grande pesar e dor pelo falecimento de tão bondosa senhora.

Deve-se colocar em evidência, também, o coro da igreja matriz, o qual, durante meio século representou papel relevante nas missas solenes cantadas a três vozes, celebradas nas festas dos padroeiros e em outras comemorações litúr-

gicas e celebrações de fatos importantes. Fazia-se presente nas recepções do Bispo da Diocese, de neo-sacerdotes, festas natalinas e Páscoa. Padre João Rolando, então, vigário, regia esse conjunto de cantores nos ensaios durante as semanas que precediam os referidos eventos. O Juiz de Paz, Gregório Demarchi, era o mestre e vejamos o nome dos demais cantores: Arcângelo Poffo, Alexandro Passero, Ambrósio Zonta, Júlio Bertelli, Ambrósio Fachini, Vitório Moretto, Afonso Fachini, Germano Fachini, Lizio Bertelli, Paulo Maiola e Graciano Demarchi. O mesmo grupo e a ele juntavam-se tantos outros chefes de famílias e percorriam as casas da localidade,

durante a novena de Natal até a Epifania, carregando uma grande estrela iluminada, entoando as melodias natalinas durante o percurso. Antes de clarear o dia, os integrantes da companhia de cantores de «LA SANTA NOTTE» retornavam aos seus lares, satisfeitos por terem cumprido mais uma missão considerada sob todos os aspectos, religiosa.

Nos próximos números de «Blumenau em Cadernos»:

- Migrações de descendentes de pioneiros.
- Instalações de pequenas indústrias no Distrito.
- Vida Social de Ascurra.

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VII)

Pe. Antônio Francisco Bohn

(Continuação)

ANO DE 1953:

Termo 1: Provisões em favor do vigário e coadjutores, em 01.01.

Termo 2: Festa de São Sebastião em benefício da matriz.

Termo 3: Realização de novenas particulares em louvor de São Sebastião, sem a autorização do vigário.

Termo 4: Bênção de São Bráz e das velas, em 02.02.

Termo 5: Entrega da capela de Ilhota para a Arquidiocese de Florianópolis, em 30.01.

Termo 6: Realização da Semana Santa na paróquia.

Termo 7: Visita do vigário Fr. Roque Saupp aos familiares na Europa.

Termo 8: Retorno do vigário e recepção pelos paroquianos, em setembro.

Termo 9: Projeto de lei concedendo ajuda para a aquisição de relógio para as torres, em 04.10.

Termo 10: Dispensa do pagamento de impostos pela projeção de filmes no Cine São Pedro (sem data).

Termo 11: Negado o pedido de subsídio de verbas junto à Prefeitura para a construção da escadaria na frente da matriz, em fevereiro.

Termo 12: Colocação dos bancos na matriz, em junho.

Termo 13: Colocação da nova mesa de comunhão na matriz, em agosto.

Termo 14: Desastre dos músicos da banda São Pedro, em 26.07.

Termo 15: Providências para a colocação das pedras na escadaria da matriz (sem data).

Termo 16: Coleta para as Missões, em outubro.

Termo 17: Dia de Ação de Graças, em 27.11.

ANO DE 1954:

Termo 1: Bênção da imagem de São

Judas na matriz, bênção da imagem de N. S. de Fátima, em Quadros.

Termo 2: Faculdade de uso da fórmula contra boatos, em favor do vigário (sem data).

Termo 3: Licença para a bênção das imagens do Sagrado Coração de Jesus e de São Francisco na sala de reuniões do Apostolado da Oração e Ordem Terceira (sem data).

Termo 4: Autorização para a bênção da imagem de N. S. de Fátima, em comemoração ao dogma (sem data).

Termo 5: Reunião do clero em Jaraquá do Sul, em 14.01.

Termo 6: Festa de São Sebastião, como de costume, em janeiro.

Termo 7: Licença para a rubrica do livro caixa da matriz (sem data).

Termo 8: Dispensa de "mixtae religionis" em favor de Albrecht Nesmayer e Marta dos Santos (sem data).

Termo 9: Carta circular da Cúria para contribuições em favor do Seminário Diocesano (sem data).

Termo 10: Licença para a bênção da imagem de São Bráz, na Lagoa (sem data).

Termo 11: Carta circular de D. Pio sobre contribuições para o Seminário Diocesano (sem data).

Termo 12: Provisão para a rubrica de um livro de casamentos da paróquia (sem data).

Termo 13: Faculdade em favor do vigário e coadjutores (sem data).

Termo 14: Início das obras de construção das escadarias da matriz realizadas pelos pedreiros de Nova Trento (sem data).

Termo 15: Celebração da Semana Santa de 1954.

Termo 16: Festa da Gruta, em 03.05.

Termo 17: Pregações na novena de maio. Realização da festa de São Pedro, em junho.

Termo 18: Festa do Senhor Bom Jesus, em agosto.

Termo 19: Eleições em Gaspar, em novembro,

Termo 20: Inauguração da nova prefeitura, em setembro.

Termo 21: Visita de D. Daniel à Gaspar (sem data).

Termo 22: Visita de D. Inácio Krause para a bênção do relógio da matriz, ofertado pela prefeitura municipal, com os seus 8 mostradores, em 31.10.

Termo 23: Congresso em Joinville para a comemoração do 25º aniversário de sagração episcopal de D. Pio de Freitas, de 10 a 18.07.

Termo 24: Provisoriamente 4 sacerdotes estão em Gaspar por diversos motivos, em julho.

Termo 25: Colocação da "roseta" na fachada da matriz, em 16.08.

Termo 26: Doença do vigário em dezembro.

ANO DE 1955:

Termo 1: Festa de São Sebastião, em janeiro.

Termo 2: Recuperação da saúde do vigário, em 30.01.

Termo 3: Nomeação do novo bispo auxiliar de Joinville, em fevereiro.

Termo 4: Resultado da festa de São Sebastião.

Termo 5: Coleta de arroz realizada por Fr. Efrém, em fevereiro.

Termo 6: Realização da Semana Santa de 1955.

Termo 7: Partida dos coadjutores: Fr. Mateus Rathmann removido para Cuiabá e Fr. Efrém Mrozek para Blumenau (sem data).

Termo 8: Tríduo Eucarístico na matriz em preparação ao Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro a se realizar em abril.

Termo 9: Inauguração da escadaria da matriz por D. Inácio Krause (em abril) empregando 3 mil chapas de pedra de 1,5m de comprimento. Festa da Gruta, em 03.05.

Termo 10: Novenas em honra a Nossa Senhora, em maio.

Termo 11: Realização da 1ª Eucaristia de 152 crianças na matriz, em 22.05.

Termo 12: Celebração do mês de junho preparado pelas senhoras do Apostolado da Oração.

Termo 13: Festa de São Pedro, em 29.06.

Termo 14: Congresso Eucarístico internacional e comemoração em Gaspar.

Termo 15: Fundação da Conferência de São Vicente de Paulo, em 19.07.

Termo 16: Circular pedindo ajuda para o Seminário Diocesano (sem data).

Termo 17: Nova tabela de espórtulas (sem data).

Termo 18: Circular sobre o Congresso Eucarístico Internacional e demais as-

suntos (sem data).

Termo 19: Coleta em prol do S. Padre.

Termo 20: Festa do Senhor Bom Jesus, em agosto.

Termo 21: Iluminação dos "mostradores do relógio" (sem data).

Termo 22: Eleições, em 09.10.

Termo 23: Festa das Missões em outubro.

Termo 24: Venda das máquinas do Cine São Pedro (sem data).

Termo 25: Circulares a respeito do dia de Ação de Graças e demais assuntos.

AO REDOR DO DR. BLUMENAU (V)

Theobaldo Costa Jamundá

A vontade indagativa e esclarecedora, recordei ontem e recordei hoje, fez-me um interessado em saber em que fonte colhera José Ferreira da Silva, o volume de conhecimento sobre a informação de Dr. Blumenau quanto insucessos de colonizações. Principalmente, se aquelas foram de imigrados germânicos.

Entretanto essa vontade foi menor que a cautela concretizada em não ser atrevido. E existia respeito hierárquico consistente em: 1. Ele, JFS era tido sem comparação como sabedor de História Regional; 2. Era o prefeito municipal de Blumenau salientado no destaque originado pelo interventor federal em Santa Catarina, Dr. Neréu Ramos; 3. Minha condição de inspetor escolar municipal colocava-me no degrau de subalterno; 4. Admitir que JFS sendo jornalista, dispensava-se da obrigação de mencionar fonte sobre o que falava ou escrevia; 5. Pavor em cometer indagação ridicularizadora e ser achatado por resposta mordaz, pois, JFS sem-

pre tinha uma quando necessariamente; 6. Preferir ser micro-satélite na roda em que JFS ficava no centro, mirado pelo cumprimento risonho, pela batidinha no ombro, e dos cínicos dispurha bajulado.

Lembro-me que não fui um inferiorizado, e que entendia-me vazio de informação sobre o que muito depois compreendi como catarinensismo. E exatamente temendo a inferiorização intelectual por que pessoal jamais concedi, tomei-me compromissado e muito motivado para procurar saber, saber, saber. Criei metodologia e apliquei o tempo, a circunstância e a oportunidade como tivesse investido em missão especial. E desde aquela iniciada década de 1940, o saber sobre o colonizador Dr. Blumenau, consistiu em ser meta distinta do meu aprendizado. — Um argumento desafiou-me: Se o tijucano José Ferreira da Silva, sabia tanto sobre o Homem, Dr. Blumenau; e o processo civilizatório da Colônia fundada por ele. Outros se fossem dedicados alcançariam saber

alguma coisa. Neste raciocínio me vi, sob o Sol de todos diante do garimpo. E ainda era a década de 1940 quando por consórcio chegou-me a mulher que me fez gente mais forte e com maior razão com dedicação integral garimpeiro de catarinensismos. E aí, dentre os tantos para conhecer os quantos, acentuei que o saber sobre o Dr. Blumenau, agora seria também zelo à memória do Eng^o. Emil Odebrecht, avô da mulher Ruth, filha de Woldemar, aquele do solar de Morro-Pelado, casado com Alma Hasse. (1^a. Núpcias).

Emil Odebrecht, foi braço direito com outros, do Dr. Blumenau. Foi aluno na Greifswald (Universidade na qual, o sábio Fritz Müller, estudou). Emil Odebrecht, criatura que viveu a vida, no período de 1835-1912, foi casado com Bertha Bichels Odebrecht, 1844-1910; foi o primeiro Odebrecht chegado ao território brasileiro e definitivamente, na Colônia de Blumenau desde 1859. Woldemar Odebrecht, lembrado sogro-amigo-excelente é de 06.09.1879 e faleceu a 11.06.1961.

Este relacionamento social com a memória de Emil Odebrecht deu-me responsabilidade indimensionável. E esta agravou-me o interesse de alinhamento permanente na preservação da memória do colonizador maior entre os mais brasileiroamente úteis.

E sob o Sol de todos, no garimpo dos catarinensismos aceitei o enfrentamento com obstáculos. Os naturais como: meu biótipo negróide, não saber alemão, ser produto da escola pernambucana de pedagogia francesa e até do francesismo na vida doméstica dos meus; os colocados pelas circunstâncias: ter chegado à Blumenau como praça no 32^o. Batalhão de Caçadores (Cf. TCJ, "O Itajaí-açu e outras águas — crônicas — 1945"); também foi obstáculo o ser americanófilo e de público confundir nacionalidade

com nazismo e facismo. E sem nem saber diferenciar o sublime significado dos quatro eses da Ginástica de Jahn (1778-1852). Então era ignorante sobre leitura séria relacionada com a preservação do Deutschtum. E ainda não meditara sobre ler e comparar Bismarck (1815-1893), Napoleão I (1769-1821) e Hitler (1889-1945). E alguns favorecimentos por afinidade também circunstanciais: O major comandante do 32^o. BC, Nilo Augusto Guerreiro Lima, além de ser considerado militarmente culto, era de muitas leituras e comandava criando confiança de muitas abrangências; na vida blumenauense os amigos mais estimuladores foram os membros da família Stotz, o advogado Arão Rebelo e o livreiro Carl Wable com livraria abastecida, igualmente, a qualquer outra chamada boa dentro ou fora de Santa Catarina. Inesquecível amigo-alemão pronto todo dia para informações bibliográficas. Também foi daquele começo a amizade do estatístico Hernani Porto para o qual o prefeito José Ferreira da Silva reservava distinção pública e tomava como colaborador. E foi com ele e mais o escriturário Belo, que compusemos a comissão designada pelo prefeito municipal para iniciarmos a organização da Biblioteca Pública Municipal "Fritz Müller".

Os amigos mencionados, como ainda, estou bem lembrado, o Ten. médico do 32^o. BC., Dr. Paulo Ouricuri de Andrade Lima, aparentado comigo, sem perceberem foram significante motivadores sobre a minha ambição de deixar de ser, quanto antes, do rol dos ignorantes em blumenauensidades e, principalmente, a biobibliografia do Dr. Blumenau.

O meu mundo como diretor que instalou a Escola Agrícola de Blumenau (convém entender: elementar agrícola e que mesmo assim teve a inauguração prestigiada pelo interventor

federal em Santa Catarina, Dr. Nerêu Ramos, pelo bispo de Joinville, o sereno religioso D. Pio de Freitas, o comandante do 32º. BC., Ten-Cel. Floriano de Lima Brayner.), possibilitou pesquisa bibliográfica intensa. Por que minhas auxiliares para o internato foram duas irmãs catequistas (Casa em Rodejo), colhi a visita regular do carismático Frei Bruno. Foi um tempo de muita leitura, principalmente, sobre imigrantes germânicos relacionados na História da Imigração.

Outra foi a minha situação como inspetor escolar municipal. (na vaga deixada por Nelson Luz, criatura de bom caráter e bom gênio. — Lembrado amigo). — Ganhei espaço de abrangência vasta. Alcancei através desta conhecer a sociedade rural, principalmente, a formada com e pela família teuto-brasileira. Ao tempo eram distritos do Município de Blumenau, Massaranduba e Rio do Testo. O conflito inicial foi aceitar escrever o topônimo Maçaranduba como fosse derivado de "Massa". E não como estava em Teodoro Sampaio: Maçaranduba, relacionado com Maçaran-d-yba, tendo saído de Moçaran-d-yba.

Aquela inspetoria criou-me responsabilidade séria principalmente perante a minha gente da farda verde-oliva. E deu-me como presente divino duas grandes amizades: a do prof. Celso Rila (04.09.1907-04.12.1988) um professor com todas as suficiências para inspecionar professores e escolas; a do professor Luís Sanches Bezerra da Trindade (06. IV. 1892-22.09.1971). Do primeiro e do segundo recebi lições, e permitiu Deus que fossem fertilizadas e multiplicadas. Eles defenderam a valorização dos descendentes de imigrantes sem distinção por nacionalidade. Também não entenderam a criatura humana, útil à comunidade escolar, se ativa ou passiva

na militância de credo político. Eles foram professores, na significação mais pura, e entenderam que ser brasileiro era o objetivo da escola, ensinar como se chegaria a tanto. E superei insuficiências aumentando o meu interesse perante 41 professores de 41 escolas municipais sendo pragmático. E senti a pressão da confiança do prefeito municipal José Ferreira da Silva falando-me em tom menor, procure ver no verde dos olhos e no loiro dos cabelos, das crianças, as cores nacionais, mesmo assim como sonhou o colonizador Dr. Blumenau.

Os fazeres e quefazeres da Inspetoria Escolar Municipal facultaram-me a absorvência do literário, do peotórico, do sociológico, do poemático da paisagem humana. E enfeiticei-me na visualidade atraente da construção do enxaimel. E falei para a minha intimidade tomada no encantamento: pode não ser arquitetura, marca de uma nacionalidade, mas fica bem não discuti-la, sobre o não ser, rigorosamente germânica.

Deixei de ser inspetor escolar para ser secretário-geral da prefeitura do Município de Itaipava (Resolução n. 150, de 1º.10.1939) A chegada à Itaipava foi a introdução de minha permanência no garimpo dos catarinenses. Se o prefeito Frederico Hardt endossou minha presença como segundo na administração municipal, bem mais abrangente foi o prestigiamento e as confiáveis informações, mais aspectos históricos, no qual com a família e amigos (velhos amigos de infância) eram partícipes.

Tudo focalizou-me e envolveu-me sob o paraninfo do Juiz de Direito de Itaipava. Dr. Severino Nicomedes ALVES PEDROSA (um "Bacharel do Recife"). Pessoa de inúmeros bons serviços sociais prestados à sociedade da área territorial de sua Comarca.

E também um preservador da memória do Dr. Blumenau.

Com Irdaial relaciono meia dúzia de acontecimentos notáveis e estimuladores: 1. Casar-me com Ruth Odebrecht em dez./41; 2. Publicar monografia de Irdaial (1943); 3. Conservar a amizade de José Ferreira da Silva como mestre especialista em Dr. Blumenau e em História Regional; 4. Ter a colaboração prestativa e inteligente de Christiana Deeke Barreto, (05.06.1905-02.06.1980), quando responsável pelo Arquivo Municipal, que um incêndio transformou em cinzas; 5. Ser colaborador de frei Ernesto Emmendoerfer, O. F. M. nas localizações de casas de enxaimel para documentário no livro do "Centenário de Blumenau — 1850 de setembro 1950" — Blumenau, SC; 6. Merecer conceito de amigo dos padres salesianos operadores do Colégio São Paulo (Ascurra, distrito de Irdaial).

Disse-me o convite-convocação para fundação de "Sociedade Amigos de Blumenau", muito mais do que esta-

va escrito. E por que o mesmo tinha a confiável assinatura de Frei Ernesto Emmendoerfer, O. F. M., entendi o frade-professor operando projeto nuclear de fomento e defesa do patrimônio cultural com as colaborações de pessoas sensibilizadas no mesmo propósito. Entre aquelas estiveram o jovem professor Orlando Ferreira de Melo (atual doutor Direito) e o historiógrafo Frederico Kilian.

É naquele início da década de 1950, tempo de homenagens aos que fizeram a História, sendo eles o elemento humano na mesma, circulou como separata, edição do ensaio bibliográfico de Carlos Fouquet (Blumenau, SC. 1897) Vida e obra do Dr. Blumenau. Os versados em leituras sobre este colonizador ímpar, conceituam este ensaio como o mais suficiente escrito em língua vernácula. E esta conceituação não é uma novidade e até pode ser pleonástica, visto o autor ser de renome nacional e está alinhado com os historiadores brasileiros mais confiáveis. (CONTINUA).

AS CASAS TÊM HISTÓRIA

AIGA B. M. HERING

O Jornal de Santa Catarina de domingo e segunda-feira, dias 18 e 19 de novembro de 1990, publicou resenha fotográfica de casas históricas da cidade, ilustrativas de reclamatória às falhas de conscientização e legislação específica, capaz de preservá-las.

Assinava Rosane Magali Martins que, além de transcrever resultado de pesquisa efetuada por grupo de alunos da FURB junto a moradores de casas consideradas de valor, registrava também opiniões de Vilmar Vidor e Paulo de Zutter

(arquitetos dedicados à preservação), de Cláudia Siebert (Secretária de Obras Públicas) e finalmente do Prefeito Victor Fernando Sasse, ele próprio dono de casa peculiar, que declarou não poder ser o cidadão «cerceado em seu direito, se a prefeitura não tem como auxiliá-lo». Numa palavra, que não se pode alienar, ou tombar bens particulares em benefício das tradições da comunidade, quando não existem, da parte dos poderes públicos, propostas capazes de garantirem a estabilidade

dos atingidos pelas medidas de preservação .

Aliás, ao ver citada a lei de tombamento criada em maio de 1979 pelo então Vice-Prefeito Ramiro Rüdiger — sob nº. 2.449 e ainda não regulamentada — me ocorreu o quanto é difícil a conciliação de posicionamentos do munícipe, enquanto cidadão comum, com os do cidadão comum depois de eleitoralmente alçado ao posto de autoridade. Isto porque Ramiro — homem absolutamente probo e descendente de comerciantes estabelecidos no mesmo local desde 1906 — endossara, ele próprio, anos antes, a demolição de extenso complexo avarandado (misto de armazém e residência de família, chamado, nas origens, H. Rüdiger & Cia.) para ver erguer-se, em seu lugar, a sucessão de patamares do Edifício Impala, no encontro da Rua Amadeu da Luz com a Rua XV de Novembro.

Mas o problema é complexo, sempre. Haja visto que Ouro Preto — a pérola das tradições nacionais, e tombada por ninguém menos que a própria O.N.U. — mais e mais se deteriora. Acrescente-se a isto que mesmo a Alemanha — considerada exemplar em seus trabalhos de reconstrução e restauro no após guerra — apenas entre 1969 e 1973 conseguiu discutir, a nível nacional, interpretações regionais conflitantes de predicado de estilo e a partir dali padronizar detalhes indispensáveis ao atendimento de novos pedidos de preservação. Sim, porque nesse país a medida é privilégio de subvenção estatal aos proprietários de bem tombado, logo se faz fila para merecer a regalia. Mas também a França — outro baluarte de historicidade geral e arquitetônica

— continua revendo posicionamentos, tanto é que ainda recentemente instituiu repasse de 0,01% das taxas de licenciamento de construção rural e urbana ao Fundo Nacional de Monumentos, afim de garantir continuidade de serviços e melhor assistência aos proprietários de bem catalogado.

Aqui, em todo caso, as Comissões interessadas já tinham, a partir de 1983, estabelecido alguns princípios que fariam, de nossas casas, um dado histórico. A saber: terem sido construídas ANTES de 1950 — apresentarem interesse arquitetônico DE ÉPOCA — terem sido construídas, ou habitadas, por AUTORIDADE e ou... PERSONALIDADE. Paralelamente se lamentava, no mesmo artigo, a derrubada da casa de Afonso Rabe — médico e professor, ex-prefeito construtor de nossa primeira rede de água, bem como promotor de significativas melhorias no velho hospital Santo Antônio — a qual me pareceu, sempre, saída da Semana de Arte Moderna de 1922. No mais, se elogiava a preservação e restauro: a) do Castelhinho Baumgarten; b) do Castelhinho Eble; c) da Varig; d) de sede da Localiza/National (Rua 7 de Setembro, 255) especificada ali, como «Casa de Carmem Fritzke».

Pois é... as casas têm história. Tanto que Frederico Kilian (Blumenau em Cadernos - nº. 7 - Julho de 1984 - pgs. 199-206) já fez levantamento das edificações da Rua XV de Novembro, no período aproximado de 1906-1910, das quais minha mãe Christiana Elisa Barreto, particularmente, me legou adendos. E hoje Franz Brack (sem publicação ainda) levanta casario do centro a partir de 1923, o que possibilitará melhor estudo de su-

cessões. De minha parte, fixação do momento em que — na década de 40, e sob o impacto de grandes mudanças sociais — surgiria, na cidade, outro tipo de imóvel: o PRÉDIO DE APARTAMENTOS, aquele que resultou no que se classifica, hoje, de «feroz voragem imobiliária»... Para finalizar, complemento de informações relativas às casas a e d, citadas no mesmo jornal. Vejamos.

—x—

O primeiro prédio deste tipo construído na alta XV, ou seria o segundo? prédio de nº. 1.405, em que hoje se localizam a Perfumaria Francis, de um lado, e a Instaladora Blumenauense, de outro, foi erguido a toque-de-caixa em meados da 2ª. Guerra Mundial, quando havia falta de materiais de construção importados e a indústria nacional apenas engatinhava no setor. **MOTIVO:** a impossibilidade de se continuar sobrevivendo dos dividendos de participações medianas na indústria regional, mas perspectivas de sustentação econômica no campo imobiliário, aberto a partir da implantação de um Batalhão de Infantaria e consequente circulação de elites novas à procura de casa na cidade. **AUTORA:** Ema Deeke — filha do fabricante de cervejas e patriarca Carl Rischbieter; viúva do agrimensor, cartógrafo, historiador e administrador colonial (Cia. Colonizadora Hanseática) José Deeke; ela própria escritora e mãe de Christiana Elisa Barreto, Ilse Beck, Raul, Hercílio e Vitor Deeke, dentre estes novamente renomes inscritos não apenas na história local — a qual reputei, sempre, RETRATO DE CORAGEM. Sim, por-

que — para sobreviver com independência às crises do Estado Novo e da viuvez — sacrificou atributos de mulher mimada (imoladas na necessária derrubada do belo jardim da frente, varandão de janelões trabalhados e sebe de buganvílias, onde a obra se locaria) mas sobreviveu, hospitaleira e aberta ao futuro, em sua casa reformada, atrás.

O prédio se encontra, hoje, fora de alinhamento. E apesar de contar — já ou apenas? — 50 anos de vida útil, apresenta isquemias da velhice, baixo valor estrutural e característica alguma de arquitetura a preservar. Contudo demonstra que existe, por detrás de toda e qualquer fachada, um substrato precioso de opções de vida e de funcionalidade... De gosto, modismos e capacidade financeira, que se mantém ao abrigo de observação meramente formal.

—x—

No caso da casa d — hoje sede da locadora de carros Localiza/National (Rua 7 de Setembro, 255) e classificada, já disse, como «Casa de Carmem Fritzsche» (corrija-se Fritsche) e que é, na verdade, fono-audióloga nascida e criada em Gaspar, mas ultimamente estabelecida entre nós — sua história transcende à virada do século, alcançando, praticamente, os primórdios da fundação... Ou seja, quando Hermann Mueller-Hering, Diretor Comercial da Cia. Hering, comprou terras às margens do Ribeirão do Garcia, fundos de lateral esquerda da Alameda Rio Branco, tratava-se de lotes escriturados ainda a punho de Hermann Blumenau: 1) a favor de Augusto Dit-

tmar, em Julho de 1858, 2) transferidos ao alfaiate Henrique Froehner, a 4 de Outubro de 1870, quando acabava de desposar a viúva do anterior. Finalmente, este mesmo Froehner — ao vendê-las a Mueller-Hering em 1924, ou 1925 — incluiu, na transação, escrituras antigas e casa edificada no local. Tal casa — provavelmente construída só depois da morte de Dittmar, mas, ainda assim, bastante antiga — foi demolida e reerguida mais à frente, no mesmo beco, para ser dada como presente de casamento à filha mais velha do novo proprietário — de nome Kaete — ao se casar com Walter Werner, em 1927. O casal morou nela até construir morada definitiva em antigas pastagens da Família Holetz, ao lado, a partir de quando — de meados de 1930 até quase finais da década de 1970 — teve interessante decurso de sucessões.

Kaete Werner, hoje com lúcidos 90 anos de idade, tem lições a transmitir a qualquer um. Doente na adolescência (problemas de vista) criou seu irmão Herbert, 15 anos mais moço. Curada, foi mandada estudar arte, música, línguas, etiqueta (a dita CULTURA GERAL, de outros tempos) na Europa. Mais tarde casou, criou as filhas Renata Maria Freshel e Marlene Linenkamp (São Paulo). Viajou, mudou-se para aquele estado, retornou, enviuvou, mas jamais capitulou. Assistiu sempre de perto, e aconselhou, a educação de seus 5 netos. No caso dos 6 bisnetos, existe um grande lapso de idades, mas aceita a mudança dos tempos e assiste com curiosidade aos destinos do mundo — ou digamos, do Cosmos — através de pesquisas de Däniken («Eram os deuses astronautas?», do qual lê todos os

livros) e conjeturas de Butler («Zeitriss», ou «Brecha no Tempo», entre outros) sobre possibilidades inter-espaciais. No mais, assina jornais e semanários, joga bridge, frequenta igreja, teatro, clube, assiste TV e promove ainda pequenas, ou médias, reuniões sociais.

Walter Werner — alemão nascido em Wetzlar, Hessen, que veio ao Brasil ainda jovem — foi Diretor Técnico da Cia. Hering desde inícios da década de 1940 e, mais tarde, Presidente do Conselho de Administração até sua morte em 1982, aqui em Blumenau. Charmoso e elegante, jogava tênis e bridge, amava viagens e vida social. Empolgado e aberto a qualquer tipo de informação, era apreciado em rodas alemãs e brasileiras. Graças a um tipo de humor cáustico — inclusive piadas de humor-negro contadas a Timóteo Braz Moreira, o temido Delegado Regional de Polícia e representante da Lara Ribas, da Ordem Política e Social — escapou à Lista Negra dos tempos de guerra, que, a par de colonos simplórios, envolveu empresários distraídos e imigrantes acomodados, apenas porque falassem alemão...

Depois, a casa foi alugada aos pais de Bertoldo Neitzel — Eduardo e Gertrudes Neitzel, ele antigo Oficial da Marinha Imperial Alemã, e ela filha de Ricardo e Agnes Scheeffler (nata Altenburg e neta de Peter Wagner) — que exerceram por longos anos, pai e filho, sucessivamente, função de Secretários (agentes da Sul América Seguros) aqui em Blumenau. Mas diga-se logo que os Neitzel foram apenas inquilinos passageiros desta casa, de vez que o advogado Dr. Luíz de Freitas Melro, casado

com Elsa Schneider e já integrado nas rodas sociais da cidade, acabou por convencer proprietários a venderem seu imóvel ao amigo Osvaldo Espindula, recém chegado a Blumenau.

Manteria, este mesmo Espindula, durante décadas, consultório médico na Rua XV, em área hoje incorporada à Casa Prosdócimo. No mais, entre outras atividades comunitárias, seria Diretor Clínico do Hospital Santo Antônio na passagem da década de 1940 a 1950, além de membro do Conselho Fiscal da Empresa Força e Luz, hoje CELESC.

Num aspecto mais particular, incluiu-se no rol dos amigos próximos de John Lion Freshel — cidadão norte-americano, pai de Alfred e Charlotte (a «Baby» Rabe), fundador da Casa do Americano (hoje Universal Veículos) e paralelamente incentivador das práticas de um jogo de reflexão, o já citado BRIDGE — que veio a constituir PONTE DE LIGAÇÃO entre rodas teutas, alemãs e lusas, esporadicamente bastante segregadas. Também ele grande cultor desta PONTE (bridge, em inglês é PONTE) foi — nas décadas anteriores ao Centenário, e juntamente com Max Tavares do Amaral e Isolde, Dr. João Ribeiro de Carvalho e Cybele, Dr. Afonso Rabe e Aida, entre outros — participante ativo de reuniões semanais de jogo no Teatro Carlos Gomes, que lodaram aproximar e fazer-se respeitar, reciprocamente, grupos distintos.

Dona Belinha, sua mulher, fora Miss Rio Grande do Sul em seus tempos de mocinha e recorde que hospedava, com frequência, a poetisa e declamadora gaúcha Marita Pinheiro Machado, cujo nome de família remonta aos dias da

Revolução Federalista de 1893 e se inscrevera, indelevelmente, tanto na história política do Estado, quanto de Blumenau. Adepta de maquiagem Kohl (olhos impregnados de Beladona e contorno elaborado a crayon), os grandes olhos sombreados de Dona Belinha impressionaram os dias de minha infância, onde devo tê-la visto pela primeira vez em dia de procissão. Sobrevivendo ao marido mais ou menos até meados da década de 1970, só então a casa foi transferida à posse da Família Fritsche pelo filho Vadeco — Osvaldo Espindula Filho — que nunca mais voltou a residir na cidade depois de deixar os bancos do Colégio Santo Antônio e cursar a Faculdade de Medicina, no Rio.

A casa foi alugada, restaurada em seus ônus de antiga e, em 1983 e 1984, sofreu enchentes... Ao desejar, de novo, resgatá-la, Carmem enfrentou dificuldades. Alegava-se estar fora de alinhamento... deve ser recuada, etc. ... o que a invalidaria.

Mas Carmem venceu resistências de Prefeitura e os proprietários da locadora concluíram o resgate do velho imóvel.

Lucrou a cidade, com tal sobrevivência? Achamos que sim!

—x—

O Castelinho da «Família Baumgarten» — ou Baumgarten Indústria Gráfica, Rua São Paulo, 3.133, que classifiquei-a — não foi construído em 1935, como diz o jornal, mas sim 10 anos antes desta data, período em que se deu a eclosão de residências senhoris ao longo dos Bairros de Blumenau...

Não foi mandado erguer por Adolfo Baumgarten (que contaria,

na época, apenas 5 anos de idade), mas pelo Sr. Hans Lorenz, pioneiro da Indústria de Fécula (Cia. Lorenz) e primeiro fabricante de louças finas (Mauá e Real, SP) no Brasil.

Casado com neta do naturalista Fritz Müller, Hans Lorenz morreu deixando apenas descendência feminina. E uma de suas filhas — que desposara o Sr. Paulo Schindler, mas morreu muito jovem — deixou a casa a um de seus três herdeiros, entenda-se: o filho Rolf.

Paulo Schindler — patriarca, hoje, de clã numeroso e bem ramificado — tornou a casar, teve outros filhos e, durante anos ainda, a família permaneceu no Castelhino... Depois disto foi alugado ao Sr. Otto Hennings (antigo Presidente de nossa Câmara de Vereadores) e, mais tarde, vendida ao Dr. Udo Deeke, único blumenauense de nascimento a ocupar o alto posto de Governador de Estado, em meados da década de 1940.

Acrescente-se a isto outro dado curioso. O cortejo nupcial de Marita, filha de Udo Deeke e es-

posa do atual Prefeito Sasse, saiu deste endereço, de onde Asta Schindler — antes dela — também saíra para se casar com Curt Zadrozny... Isto me faz refletir se as casas — e não apenas as pessoas — não terão, às vezes, destinos predestinados. Político, aqui.

De qualquer forma, tenho certeza que os últimos sucessores (descendentes, sem excessão, de Hermann Leopoldo Baumgarten — já filho do patriarca Hermann, da Blumenauer Zeitung — e estabelecidos, ao lado, com livraria e topografia desde os albores do século 20) hão de cumprir seus destinos e bem zelar pelo casarão!

—————x—————

Pois é... as casas têm história. História de sonhos, sacrifícios, permanência ou transitoriedade. E peço — a quem conheça antigas vivências de sua própria casa — que as venha, também, nos contar.

Blumenau, 24 de setembro de 1992.

Aconteceu...

Agosto de 1992.

— DIA 1º. — Com entusiasmo e muitos resultados positivos, foi encerrado o V Congresso Catarinense das APAEs — Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais — que contou com a participação de 810 pessoas, representando aproximadamente 90 entidades de todo o Estado.

— DIA 2 — O governador Vilson Pedro Kleinubing esteve em Blumenau vistoriando obras de pavimentação asfáltica e do ambulatório geral do Garcia. Esteve acompanhado pelo prefeito Victor Sasse.

— DIA 6 — Reuniram-se, às 14 horas, no Viena Park Hotel, as primeiras damas dos municípios catarinenses, integrantes do movimen-

to Roda Viva, que dá amparo às meninas carentes, a realização de palestras visando incrementar a ação do Movimento, em busca de suas finalidades.

— DIA 6 — O Conselho Municipal de Entorpecentes esteve reunido no Salão Nobre da Prefeitura para discutir assuntos relativos à área preventiva educacional. — No auditório do SENAI, a Associação dos Engenheiros e Arquitetos do Médio Vale do Itajaí promoveu palestras sobre dimensionamento de condutores elétricos.

— DIA 7 — A imprensa (JSC) noticia a homenagem prestada pelo Jornal Noticiário do Exército, edição nr. 8.463, ao 23º Batalhão de Infantaria, de Blumenau, que destacou a solidariedade daquela unidade militar à comunidade blumenauense, pelos trabalhos realizados em socorro às vítimas da enchente.

— DIA 7 — Em Gaspar, tiveram início as disputas dos Jogos Escolares, com a participação de 1.500 atletas. Onze escolas estiveram representadas naquela competição.

— DIA 8 — A imprensa (JSC) noticia com destaque a iniciativa da Escola Básica Municipal Tiradentes, do bairro Vorstaadt, da aplicação de um projeto de conscientização da comunidade para a preservação da limpeza do ribeirão da rua Pedro Krauss Senior, cujas águas correm ao lado daquele estabelecimento.

— DIA 8 — O prefeito Victor Sasse e o presidente em exercício do Camping Club do Brasil, Jory França, assinaram um convênio que prevê a concessão de uso do Camping Club de Blumenau, instalado nos fundos da rua Pastor Oswaldo Hesse.

— DIA 9 — No auditório Heinz Geyer, do Teatro Carlos Gomes, apresentaram-se os solistas da Orquestra de Câmara de Blumenau, com início às 10,30 horas, sob os auspícios do Banco Itaú, apoio da Secretaria de Cultura e Turismo e Fundação "Casa Dr. Blumenau". No espetáculo apresentaram-se: Telmo Jaconi, no violino, Ulrike Graf, na viola, Adriane Savytzky, no violoncelo e Martina Graf ao piano. A entrada foi franca e a comunidade prestigiou e agradeceu com sua presença, a bela iniciativa.

— DIA 12 — Com a presença de autoridades municipais e lide-

ranças comunitárias, e diretores do hospital, foi inaugurado, às 18 horas, o "Termolithos Blumenau" — Centro de Tratamento do Cálculo Urinário e das Doenças da Próstata. Trata-se de modernos equipamentos importados de Israel e do Japão. No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se com grande sucesso e excelente presença de público, o consagrado humorista Ary Toledo.

— DIA 13 — A imprensa (JSC) noticia com destaque o espanto da população de Rio dos Cedros, face à enorme mortandade de peixes ocorrida naquele rio, calculando-se que a mesma atingiu a carga de 10 toneladas. As autoridades procuram desvendar o mistério da causa da ocorrência. — Em Pomerode, o choque de um Chevette com um muro, causou a morte de Francisco J. Z. Gutierrez e de sua filha Mayi, além de causar ferimentos em seus sobrinhos Mariela e Claudio Magner. Foi eleita a diretoria da Associação dos Moradores Progressistas do bairro conhecido como Morro do Abacaxi. — O Corpo de Bombeiros de Blumenau comemorou, com uma formatura militar e a presença de numerosos convidados, seus 34 anos de fundação.

— DIA 14 — O Círculo Italiano de Blumenau promoveu a Quarta Noite Italiana, tendo como local os salões da Associação Artex Cultural Sociedade Esportiva, no Garcia, constando de ceia à italiana, vinho à vontade, música e dança.

— DIA 15 — Foi aberta, no Saguão da Biblioteca Central da FURB, a mostra dos principais trabalhos participantes da 17ª. Bial de Arte Fotográfica Brasileira, promoção da Confederação Brasileira de Fotografias e Cinema e do Foto Clube de Santa Catarina, com o apoio da Divisão de Promoções Culturais da Universidade.

— DIA 17 — No Pavilhão B da PROEB, aconteceu a cerimônia do lançamento do "Concurso mais belo jardim de Blumenau", como parte da 3ª. Semana Verde, uma promoção da Secretaria de Cultura e Turismo — No Grande Hotel Blumenau, reuniram-se cerca de 300 profissionais das áreas de saúde, Educação e Recursos Humanos, para participar do Primeiro Simpósio sobre Aids, na Empresa. O evento foi coordenado pela especialista Ivonete de Souza e contou com palestras de diversos especialistas. — Foi inaugurada, pelo Desembargador José Roberge, a Escola Superior de Magistratura da FURB. O ato contou com a presença de numerosas autoridades, juizes e professores. — Cai, nas proximidades da praia de Armação, em pleno mar, um avião bimotor que transportava diversos passageiros, entre eles empresários da família Maeda, de São Paulo.

— DIA 21 — Mais duas Agências de Correios Franqueadas foram instaladas em Blumenau. Foram inauguradas a Agência da Rua dos Caçadores, na Velha, e a da Rua da Glória, no bairro Garcia, com amplos benefícios para os moradores das duas localidades.

— DIA 21 — No Bar Kriado, popular restaurante típico da cidade, apresentaram-se Júlia Muriz, cantora e seu irmão Caio Muniz, tecladista, apresentando amplo repertório musical do agrado geral.

— DIA 24 — Com grande acompanhamento, foi conduzido ao túmulo o corpo de Ingo Hering, conceituado e estimado cidadão blumenauense, que, até o último dia de sua vida, prestou assinalados serviços à empresa da qual era presidente do Conselho Administrativo, a Cia. Hering, assim como deixou a marca de seu trabalho durante longos anos a favor da comunidade blumenauense, especialmente nos setores político e cultural. Seu sepultamento deu-se no Cemitério Evangélico da cidade.

— DIA 28 — No Centro de Convenções do Grande Hotel Blumenau, instalou-se a 3ª. Jornada Catarinense de Alcoolismo e Drogas, uma promoção da Associação Brasileira de Estudos do Alcool e outras Drogas. — Em Indaial, tendo por local o salão de festas do Indaial Palace Hotel, realizou-se a Noite de Autógrafos com o lançamento do livro de Edltraud Zimmermann Fonseca — "Indaial, Cidade das Plantas e das Flores", com grande sucesso de presença do público indaialense que, assim, prestigiou sobremaneira a iniciativa da autora de editar um livro resgatando a memória histórica da cidade. — À tarde, na piscina do Centro Esportivo do SESI, teve início a competição pelo Campeonato Sul Brasileiro de Natação. Foi aberta a Semana Verão, instalada na PROEB, com a presença de grande público.

— DIA 25 — Uma grande programação musical, com entrada gratuita, fez parte das comemorações do dia do Soldado, às 20,30 horas, no Teatro Carlos Gomes. Participaram do espetáculo, a Banda de Música do 23º. B. I., o Coral da Sociedade Recreativa e Cultural de Timbó e o coral Camerata Vocale.

— DIA 29 — Numerosos alunos do Clube de Paraquedismo Vento Sul, de Blumenau, realizaram o primeiro salto livre, usando a pista do Aero Clube de Blumenau. O evento alcançou pleno sucesso, revelando o bom aproveitamento dos alunos do arrojado esporte.

O REPUBLICANO MAÑOEL CORREIA DE FREITAS

Antônio Roberto Nascimento
do Instituto Histórico e Geográfico
de Santa Catarina

Falta ainda, em nossa historiografia, um estudo pormenorizado sobre a vida e a obra de Manoel Correia de Freitas, "o campeão da causa republicana na província" (1), ou seu maior "fanático" (2). Quando foi da fundação do "Club Republicano de Itajahy" ele foi especialmente a Itajaí discursar sobre as vantagens do novo regime estando seu nome incluído dentre os oito da chapa que pleiteava eleição à Assembléia Provincial (3).

Nasceu em Paranaguá, aos 29 de maio de 1853 (4), filho do Capitão Domingos Correia de Freitas, natural de São Francisco do Sul, e de Josefa Leite Bastos, natural de Paranaguá, neto paterno do Alferes Manoel Correia de Freitas e de Ana Leite de Magalhães e Oliveira, e materno do Capitão Antônio José Leite Bastos, natural da Vila de Bastos, em Portugal, e de Emília Maria do Rosário, natural de Paranaguá, esta filha do Capitão Antônio da Silva Braga e de Maria Pinheiro dos Santos. É dado como irmão de Amália Correia de Freitas; primeira mulher do Tenente-Coronel José Antônio de Oliveira Júnior, preeminente líder político e comerciante de S. Francisco do Sul, mas há aí um equívoco. Amália era natural de Paranaguá, filha do Alferes João Correia de Freitas e de Senhorinha Serafina das Dores — esta natural de S. Francisco do Sul —, neta paterna de Alexandre Correia de Freitas e de Luiza Maria de Jesus (5), e materna do Alferes Joaquim Firmiano de Oliveira e de Francisca Rosa de Oliveira, ambos franciscanos. Casou, aos 5 de setembro de 1859 (6), com o então Major José Antônio de Oliveira Júnior, filho do comerciante do Parati José Antônio de Oliveira Sênior e de Cesarina Maria de Jesus, neto paterno de Antônio de Oliveira Cercal e de

Ana Maria de Miranda, e materno do Alferes Manoel Fernandes Dias e de Maria Antônia Moreira. O Tenente-Coronel José Antônio de Oliveira Júnior, já viúvo de Amália, casou, aos 22 de junho de 1861 (7), com D. Emília Julieta Nóbrega, filha do Capitão Antônio Francisco Nóbrega, natural de Santos, e da francisquense Teresa Maria de Jesus, esta filha do Capitão-Mor Antônio de Carvalho Bueno e de sua primeira mulher, havendo desse segundo consórcio expressiva descendência.

O pai do republicano Manoel Correia de Freitas, o Capitão Domingos Correia de Freitas, também foi morador de São Francisco do Sul, ou das circunvizinhanças, consoante se vê no batismo dos filhos Manoel, aos 4 de março de 1852(8), com nove meses de idade, tendo por padrinhos José Caetano Correia e sua mulher Maria Correia da Graça, Domingos, aos 5 de julho de 1854, com dois meses, tendo por padrinho o Tenente Manoel de Miranda Coutinho e a invocação de N. S^a. da Graça (9), e José, aos 8 de novembro de 1857, com 10 meses, tendo por padrinhos o Rev. Vigário Benjamim Carvalho de Oliveira e sua sobrinha Carolina Floresta do Amor Divino, solteira (10). O dito filho Manoel não seria o nosso biografado? Acerca dessa família, como já se viu, o insigne genealogista paranaense andou equivocado, motivo por que não pode ser descartada desde logo a hipótese de Manoel Correia de Freitas ser catarinense de São Francisco do Sul. João Correia de Freitas, por exemplo, já viúvo de sua primeira mulher Senhorinha Serafina das Dores, lá casou, aos 4.7.1886 (11), quando tinha 52 anos, com Ana Maria de Santa Ana, de 34 anos, viúva de João José Machado. Com sua primeira mulher, a francisquense Senhorinha Sera-

(1) — Cf. J. MEIRINHO, A República em Santa Catarina, 1982, p. 29

(2) — Cf. C. FICKER, História de Joinville, 1965, p. 330

(3) — Cf. H. DA SILVA FONTES, Pensamentos, Palavras e Obras, 1963, pp. 12 - 13

(4) — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia Paranaense, Vol. 3^o., p. 375

(5) — Ob. cit., Vol. 1^o., p. 304

(6) — Livro n^o. 7 de casamentos da Matriz de N. S^a. da Graça

(7) — Id. ib.

(8) — Livro n^o. 11 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

(9) — Id. ib.

(10) — Livro n^o. 12 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

(11) — Livro n^o. 9 de casamentos da Matriz de N. S^a. da Graça

fina das Dores (v. supra), teve os filhos Benjamim, batizado aos 23.3.1856, com um mês de idade, pelo Vigário de Itajaí Pe. João Luiz Nepomuceno de Macedo (12), tendo por padrinhos o Vigário Benjamim (v. supra) e D. Delfina Rosa de Santa Perpétua, e o filho Antônio, batizado aos 29.6.1857, com 13 dias (13), tendo por padrinhos também o Rev. Vigário Benjamim e a sobredita D. Delfina Rosa de Santa Perpétua. Tudo parece indicar que Domingos e João Correia de Freitas fossem irmãos, dada a contemporaneidade de seus filhos francisquenses. João Correia de Freitas, aliás, faleceu aos 20 de fevereiro de 1888 (14), de nefrite intestinal, com a idade de 54 anos.

A segunda mulher de João Correia de Freitas, Ana Maria de Santa Ana, era filha de Fortunata Maria de Santa Ana, natural de Penha (SC), e de Manoel Jacinto Pereira, neta paterna de Jacinto Pereira da Rosa e de Luiza Rosa de Jesus, e materna do Major Cândido Joaquim de Santa Ana e de Alexandrina Maria das Neves, naturais de Itapocoróia. Luiza Maria de Jesus, a mãe do Alferes João Correia de Freitas, foi casada, em segundo leito, com Joaquim Antônio Alves Cordeiro, com quem não teve descendência, e era filha de Agostinho Machado Lima, natural de Mogi das Cruzes (SP), e de sua segunda mulher Maria Cardoso Pazes (15), esta filha de Trifônio Cardozo Pazes, morto em 1775, e de Escolástica Bento Telles. José Correia de Freitas, irmão do Alferes João, já era natural de Guaratuba, a demonstrar a estreita ligação dos antigos centros de povoamento. Houve, igualmente, um Capitão José Correia de Freitas, natural de São Francisco do Sul, irmão do republicano Manoel Correia de Freitas, com descendência, o que reforça a hipótese de o biografado ser catarinense, principalmente porque seus

pais moravam em São Francisco do Sul na época de seu nascimento (v. supra). Tanto isso é verdade que Domingos Correia de Freitas foi o inventariante dos bens de uma Maria Correia da Graça, em 1856 (16), três anos após a data em que se diz ter nascido Manoel Correia de Freitas. Uma irmã dele, Maria dos Anjos, foi casada com o Major Norberto José de Miranda, natural de Guaratuba, que, depois, foi comerciante em Joinville, onde ambos faleceram (17). Um Capitão Domingos Correia obteve, em 1805 (18), sesmaria no Rio de Bucareim, no atual Município de Joinville, e talvez fosse o Alferes Domingos Correia, cuja mulher faleceu aos 26.1.1813 (19), com cerca de 53 anos de idade, de nome Antônia Maria do Sacramento. Esse ou o outro foi o Capitão Domingos Correia, casado, provavelmente em segundo leito, com Margarida Rosa de Miranda, da antiga família dos Mirandas Coutinhos, com quem teve, dentre outros, a filha Maria Correia de Miranda, primeiramente casada com José da Silva Paullo, "morador novos neste Rio de S. Francisco" (20), e depois, em segundo leito, com Salvador Antônio Alves Maia, procurador do Conselho Municipal, comerciante e inventariante dos bens dela em 1870 (21), com quem não teve filhos. Houve, além disso, o Sargento-Mor Domingos Correia, natural de Santarém, casado com a francisquense Margarida de Oliveira, com quem teve a filha Ana Maria de Oliveira, natural de S. Francisco do Sul, casada com João Mathias de Carvalho, tronco dos Carvalhos Buenos de S. Francisco do Sul, conforme batismo da filha Margarida, em 1º. de agosto de 1785 (22).

Tudo indica, portanto, que o republicano Manoel Correia de Freitas (23) era natural de São Francisco do Sul e, portanto, catarinense.

(12) — Livro nº. 12 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

(13) — Id. ib.

(14) — Livro nº. 10 de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça

(15) — Cf. F. NEGRÃO, ob. cit., Vol. 4º., p. 263

(16) — Autos extraviados, relação de inventários processados, arq. judiciário de S. Francisco do Sul

(17) — Registros da Catedral de Joinville

(18) — Arquivo Histórico de Joinville

(19) — Livro nº. 2 de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça

(20) — Livro nº. 8 de batismos, "passim"

(21) — Arquivo judiciário francisquense

(22) — Livro nº. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

(23) — Cf. C. DA COSTA PEREIRA, A Propaganda Republicana em Santa Catarina, Blumenau em Cadernos, Tomo VI, nº. 2, p. 23

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

89015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering

Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —
Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfredo Bubeck
— Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saad — Frank
Graf — Hans Martin Meyer

DIRETORIA

Presidente — Frank Graf

Diretor Administrativo-Financeiro — José Gonçalves

Diretor de Cultura — Ana Luiza Holzer B. Schulz

HERING

T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade. Para todo mundo.
Em todos os tempos.